Liahona








A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
COMITÊ DE SUPERVISÃO
James E. Faust
Paul H. Dunn
M. Russel Ballard
EDITOR
James E. Faust
EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE
Larry Hiller, Editor Gerente;
Verl F. Scott, Gerente de Negócios;
Carol Larsen, Editor Associado;
Roger Gylling, Desenhista
EXECUTIVO DA «A LIAHONA»
Danilo Talanskas, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo C. Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

A Liahona • 31/12 dezembro 1978

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1 **Uma Mensagem de Natal da Primeira Presidência**
2 **Uma Visão do Trabalho das Professoras Visitantes,** Spencer W. Kimball.
7 **Talvez o Natal Não Venha de uma Loja,** Jeffrey R. Holland.
11 **Joseph Smith, Profeta da Bondade,** Kenneth W. Godfrey.
14 **Somos Guiados por Revelação,** Wilford Woodruff.
22 **Três Novos Membros do Primeiro Quorum dos Setenta**
31 **Em Busca de Sião, 1830-1835,** Glen M. Leonard.
39 **O Acampamento de Sião,** Ronald W. Walker.
40 **Novas Orientações Relativas ao Trabalho Pelos Mortos,** George H. Fudge.
53 **Cristo e o Natal,** David O. McKay.

SEÇÃO INFANTIL

23 **Aconteceu Realmente!** Ilustrado por Don Seegmiller.
25 **Só Para Divertir.**
26 **O Cordeiro,** Margaret Allen.
29 **Feliz "Hanukkah"!,** Bonnie Newton.

NOTICIÁRIO LOCAL:

20 **Élder James E. Faust no Conselho dos Doze**
21 **Élder Bangerter Chamado para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta**
48 **Peão Boiadeiro a Serviço de Cristo**
49 **Chamados Missionários: "Nova e Admirável Era do Crescimento da Igreja no Brasil"**
50 **Cem Anos de Amor**
51 **Sociedade de Socorro Atende Chamado**

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 40,00;* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí, 331, tel. 276 8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

GM
M205.57
L694P
v.31
1978

Uma Mensagem de Natal da Primeira Presidência

Nesta ocasião, as pessoas de todo o mundo preparam-se para o natal. Espera-se que se estejam lembrando de celebrar naquele dia especial, o nascimento, em uma manjedoura de Belém, do Príncipe da Paz, o Messias, o Redentor do Mundo — Jesus, o Cristo.

A começar com Adão, profetas falaram sobre a vinda do Redentor. Séculos antes do nascimento do Jesus menino, os profetas Isaías e Néfi proclamaram que Jesus nasceria de uma virgem. Miquéias e Alma predisseram o local de seu nascimento. Outros profetas, como Daniel e Samuel, o lamanita, descreveram pormenores de seu ministério terreno. Oséias anteviu sua estada no Egito.

Antes do nascimento de Jesus, profetas antigos falaram sobre as glórias de sua expiação e do milagre de sua ressurreição. Previram sua vinda para abrir o caminho de uma ressurreição literal a todo o gênero humano e para a vida eterna aos que merecessem esse 'maior de todos os dons".

O Senhor enviou João Batista, um dos mais nobres profetas, a fim de "preparar o caminho" ao ministério terreno do Cristo.

Houve, de fato, séculos de preparação para a vinda do Senhor.

Que possamos preparar-nos para a observância do seu nascimento, no espírito dos antigos profetas e das próprias palavras do Salvador. Algumas das diretrizes que ele nos deu são as seguintes:

"Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:29.)

"Quando pois deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti." (Mateus 6:2.)

"Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber." (Atos 20:35.)

"Tende bom ânimo." (João 16:33.)

"Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem." (Lucas 6:27.)

"Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mateus 25:40.)

Mas existem para nós outras providências importantes a considerar nesta ocasião do ano, e estas são os preparativos que devemos fazer para sua Segunda Vinda.

Nosso Redentor assegurou-nos repetidamente que virá outra vez a esta terra em plena glória.

Que grande acontecimento para o qual nos preparar!

Como nos devemos preparar para seu retorno?

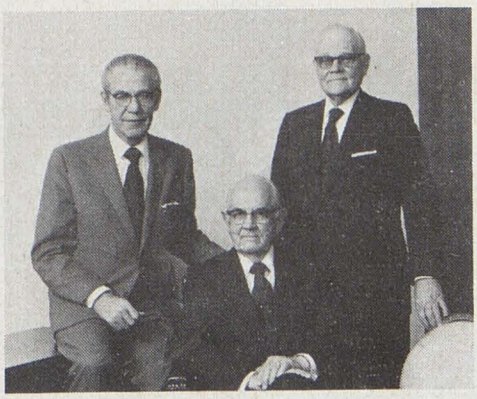
Talvez não haja melhor conselho do que o de Jesus para seus apóstolos:

"Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor." (João 15:10.)

Jesus falou então sobre as bênçãos que advêm de guardar-se os seus mandamentos:

"...para que... o vosso gozo seja completo." (João 15:11.)

Que esta possa ser uma época de preparação para toda a humanidade!



A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball

N. Eldon Tanner

Marion G. Romney

UMA VISÃO DO TRABALHO DAS PROFESSORAS VISITANTES

Presidente Spencer W. Kimball

O Presidente Kimball fez este discurso em 16 de setembro de 1958, quando era membro do Conselho dos Doze. Sua mensagem, em uma convenção de professoras visitantes na Estaca Monument Park em Salt Lake, ainda permanece viva e relevante.

Minhas queridas irmãs, creio que minha percepção da existência e importância da Sociedade de Socorro chegou muito cedo na vida.

Nossa família saiu da Cidade de Salt Lake, mudando se para o Arizona, quando eu tinha três anos. Minha mãe estava com seis filhos e, durante o tempo em que engravidou e deu à luz mais cinco, foi presidente da Sociedade de Socorro da ala.

Fomos para outras terras, onde a água era tirada de poços; onde havia tantas moscas, que mal podíamos ver através da tela da porta, durante a tardinha; onde a febre tifóide era comum, assim como muitas outras doenças; onde a assistência médica era muito limitada — não havia hospitais, nem enfermeiras ou pessoas experimentadas, a não ser o médico da região que tinha mais trabalho do que podia fazer.

Li, no diário de minha mãe, há não muito tempo, expressões como estas: "Deixei as crianças com Ruth (ou Delbert, ou com Gordon) e fui à casa de Irmã Smith onde o segundo gêmeo acabara de falecer e as outras crianças estavam extremamente doentes com febre tifóide." E novamente: 'Passei o dia hoje, juntamente com outras irmãs, fazendo roupas de sepultamento para os dois filhos de Irmã Jones." E assim continua repetidamente. Essa foi a minha apresentação à Sociedade de Socorro, e estou certo de que, até certo ponto, esse tipo de trabalho ainda prossegue, pois, da maneira como o encaro, ele inclui não somente o bem-estar espiritual e moral, mas também o físico, da gente da ala.

Sempre que penso em professoras visitantes, vêm-me à mente seus deveres que, de muitas formas, devem ser como os dos mestres familiares:: "zelar sempre pela igreja" — não vinte minutos por mês, mas sempre — "estar com os membros e fortalecê-los" — não uma batida na porta, mas estar com os membros e elevá-los, fortalecê-los, dar-lhes poder, e fortificá-los — "e ver que não haja iniqüidade... nem dificuldade entre um e outro... maledicências ou calúnias." (D&C 20:53-54.)

Que oportunidade! Mas tantos gostam de falar sobre outras coisas — sobre o tempo, política, ou sobre algo que acaba de ser feito na ala, a sua divisão, a reorganização do bispado, da presidência da Sociedade de Socorro, ou qualquer das inúmeras coisas que podem acontecer na ala e que se poderia encontrar uma razão para questionar ou criticar. Como é glorioso o privilégio que têm duas irmãs de

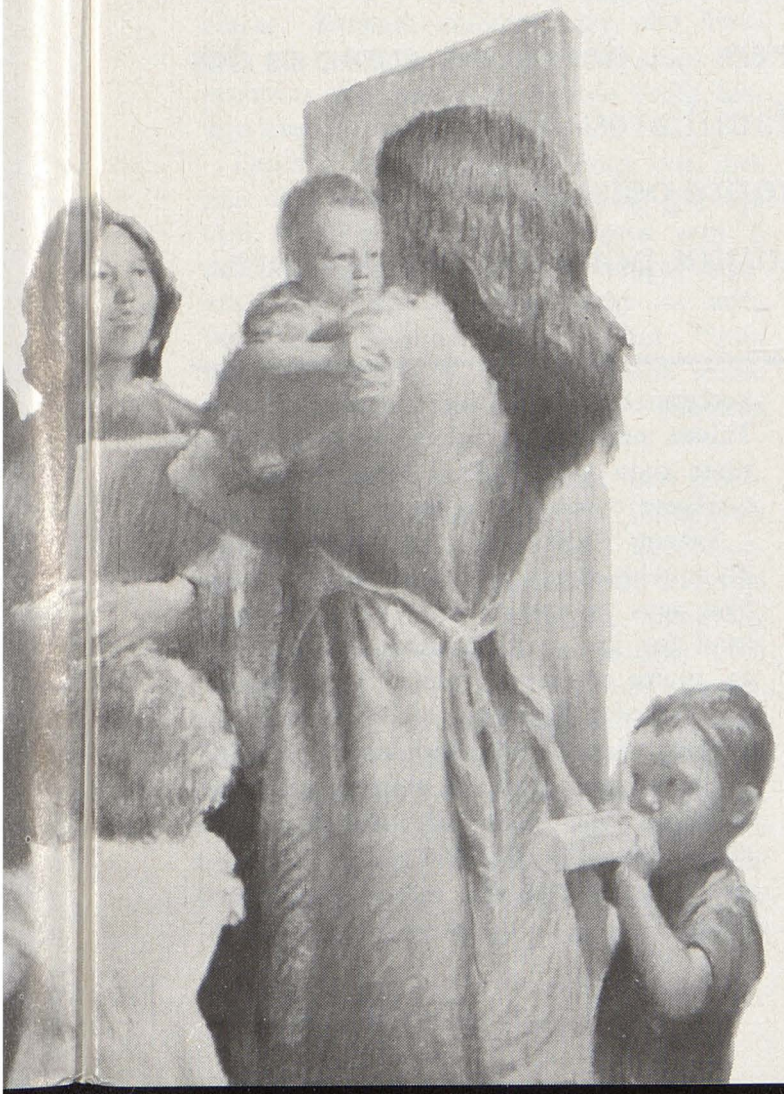


irem a um lar, e, ao invés de ressaltarem as coisas ruins, elevar todas as autoridades da Igreja, a própria Igreja, suas doutrinas, normas e práticas.

Neste programa, não se pode forçar ninguém. É um trabalho de incentivo e amor. É impressionante o número de pessoas que podemos converter e inspirar com amor. Devemos "prevenir, explicar, exortar, ensinar e convidar... para vir a Cristo." (D&C 20:59.) Isto pode ser tanto para membros como não-membros.

Para ser bem sucedida, uma professora visitante deve ter um propósito elevado e lembrar-se dele durante todo o tempo; deve ter uma grande visão, um enorme entusiasmo que não possa ser sobrepujado, uma atitude positiva e grande amor.

Em Doutrina e Convênios, o Senhor disse: "E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé; e, se não receberdes o Espírito, não devereis ensinar." (D&C 42: 14.) Supondo que seu trabalho está intimamente aliado ao do sacerdócio, vocês "deverão ensinar os princípios do... evangelho que estão na Bíblia e no Livro de Mórmon, nos quais se acha a plenitude do evangelno" (D&C 42:12) — não meramente a ética — e vocês terão sempre a liberdade de utilizá-los, guiados por sua inspiração, que as levará a apresentá-los a qualquer irmã — uma passagem diferente para cada pessoa, uma abordagem diversa, uma conclusão distinta, um diferente acesso ao testemunho.



É claro que a professora deve estar vivendo tudo aquilo que ensina. Isto não precisa ser dito, embora às vezes o esqueçamos: tudo o que ela ensina, ela vive.

O Senhor disse: "E vos dou o mandamento de que ensineis a doutrina do reino uns aos outros." (D&C 88:77.)

Não nos satisfaçamos apenas com simples visitas, em fazer novas amizades. É claro que é importante ter amigos, mas haverá modo melhor de vocês fazerem amizade do que ensinando princípios eternos de vida e salvação?

O seu testemunho é um instrumento magnífico. Ninguém pode redargüir ou destruí-lo. Muitos teóricos das escrituras passam a vida toda estudando a Bíblia e podem conhecer e debater as escrituras, encontrando-as melhor do que muitos de nós; mas nenhum deles poderá jamais responder ao seu testemunho. Ele os deixa mudos — sem refutação. Nem sempre vocês terão que prestá-lo do modo mais formal; existem muitos meios.

As professoras visitantes devem sobressair e liderar as mulheres nos lares que visitam. Devem destacar-se pela energia, visão e esmero — e pelo testemunho, pois, acima de tudo, seu testemunho é irrefutável.

A trigésima-oitava seção de Doutrina e Convênios, iniciando com o versículo vinte e três, encanta-me:

"Mas, na verdade vos digo, ensinai-vos uns aos outros, de acordo com o ofício do qual vos encarreguei;

"E que todo homem (e acho que podemos dizer mulher também) estime a seu

irmão (irmã) como a si mesmo (mesma) e pratique a virtude e santidade diante de mim.

"Pois qual é o homem entre vós que, tendo doze filhos que o servem obedientemente, e não estimando mais a um do que a outro, a um diria: veste-te em mantos e senta-te aqui; e ao outro, veste-te em trapos e senta-te acolá — e olhando aos seus filhos diria, sou justo?

"Eis que isto vos dei como parábola, e é como sou. Eu vos digo, sede um; e se vós não sois um, não sois meus." (D&C 38: 23, 24, 26, 27.)

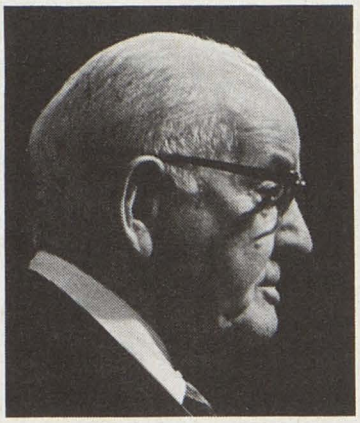
Existem muitas irmãs vivendo em trapos — trapos espirituais. Têm direito a vistosos mantos, mantos espirituais, como na parábola. Falamos tanto sobre o dever, mas é seu privilégio ir aos lares e trocar os trapos por mantos.

Falamos sobre o dever — mas já perdemos o entusiasmo, a visão e o objetivo, quando dizemos: "Preciso sair esta manhã e fazer minhas visitas de professora visitante." Em vez disso, poderia ser: "Hoje é o dia pelo qual tenno esperado. Estou feliz por visitar os lares de minhas irmãs e ajudá-las a galgar novas alturas."

Vocês têm uma responsabilidade. Foram chamadas por Deus, através das autoridades apropriadamente constituídas. Diz a seção oitenta e oito: "Purificai os vossos corações e limpai as vossas mãos e vossos pés diante de mim, para que vos possa purificar;

"Para que eu possa testificar... que estais limpos do sangue (e pecados) desta geração iníqua." (D&C 88:74-75.)

Vocês não podem deixar de visitar uma casa e ficar impunes; não devem ignorar



Professoras visitantes,...
seus deveres... devem ser como os dos mestres familiares:
"zelar sempre pela igreja" — não
vinte minutos por mês, mas sempre.

uma irmã, ainda que ela seja um pouco rude, ou não fique satisfeita com a sua visita.

Não há desculpa para um mestre familiar ou professora visitante que aceite a responsabilidade por quatro, cinco, seis ou sete lares e as deixe em seus trapos ou farrapos espirituais; e quando vocês entrarem nas casas, não deve haver tagarelices vãs ou palavras pomposas. Vocês vão salvar almas, e quem não pode garantir que muitas daquelas pessoas ótimas que estão na Igreja hoje, foram ativadas porque vocês as visitaram e deram-lhes nova visão, novo entendimento. Vocês abriram as cortinas. Estenderam novos horizontes. Deram-lhes algo de novo. Talvez nunca lhes falem sobre isso durante toda a vida, mas foram vocês, de qualquer modo, que fizeram o trabalho.

Sabem, vocês não estão apenas salvando aquelas irmãs, mas possivelmente também seus maridos e seus lares. Se uma irmã for um pouco inativa ou descuidada, muito provavelmente terá um marido que também é assim, e filhos que talvez estejam apenas trabalhandoo superficialmente no programa. É claro que existem exceções, mas aparecem apenas aqui e ali. Não estão absorvidos pelo reino, e assim, vocês têm um grande trabalho a fazer.

"O que semeia pouco," disse Paulo, "pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância ceifará." (II Coríntios 9:6.) Não vamos a lugar algum simplesmente falando. Precisamos colocar nossos corações nas palavras, e também planejar e preparar nossas mentes. Às vezes fico imaginando se haverá alguma irmã que jejue, na manhã em que vai fazer visitas de professoras visitantes. Não tenho conhecimento de que isto seja exigido. Há uma porção de coisas na Igreja que não são exigidas, muitas coisas que gostaríamos de fazer. Aquela que vai simplesmente visitar os lares, bater nas portas, passar as horas do dia, e então volta para fazer o relatório, é um pouco como a pessoa de quem Paulo fala, como o que está "batendo no ar" (I Coríntios 9:26) e não fazendo progresso. Precisamos ir avante e realizar nosso trabalho como deve ser feito.

Presumo que em quase todos os distritos existem senhoras que não as deixam entrar. Existem mulneres que não desejam que vocês entrem, mas deixarão. Há senhoras que gostariam de que vocês fossem embora antes que o façam.

Quando houver uma senhora que lhes não abra a porta, sabendo vocês que ela está; alguém que abra a porta sem o desejar; alguém que as deixe entrar esperando que não tivessem vindo — seria bom seguir o conselho do Senhor: "'esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum." (Mateus 17:21.)

Vocês sabem que o Senhor tem métodos, meios, modos e forças intangíveis que podem tocar os corações. Lembram-se de Alma? Alma, perseguindo a Igreja em um dia, e no dia seguinte, sendo-lhe um grande defensor. (Ver Mosíah 27.) Lembram-se de Paulo? Em um dia, estava perseguindo os santos ou aprisionando-os e, depois de alguns dias, ali estava ele, pregando o evangelho na sinagoga, com grande poder. (Ver Atos 9.) Qual era a diferença? Era alguma força intangível que foi mandada para prestar testemunho pelo Senhor em sua sabedoria. Ele tocou seus corações. Fez também uma outra coisa; sabemos o que foi, é claro.

Bem, dizem vocês: "Ora, aquela mulher não pode ser tocada." É claro que pode. Pode ser trazida para nosso meio. O Presidente John Taylor disse que não há ninguém que não possa ser convertido, se a pessoa certa fizer a abordagem certa, na hora certa, do modo certo e com o espírito certo. Ele não pôs aí todos os "certos"; eu os acrescentei, mas não pensem que é impossível.

Voltem ao primeiro livro do seu Livro de Mórmon e leiam-no novamente. Lembram-se de quando Néfi disse:

"Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminno pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:7.)

Pode ser feito! Precisamos eliminar inteiramente as palavras "não posso" de nosso vocabulário.

Vocês aceitam o fato de que o Senhor as chamou, ou acham que foi a presidente da Sociedade de Socorro? Se foi apenas a presidente que as chamou, então pode ser que não possa ser feito, mas, se foi Deus quem as chamou através dos canais competentes, da maneira como vocês sabem que são chamadas — se foi Deus, vocês não podem falhar, se fizerem toda a sua parte.

É fácil ficar desencorajado. É fácil desistir, mas vocês não devem falhar. Lembrem-se de como Néfi foi para uma situação impossível e não pôde obter as placas. Seus irmãos não puderam. Eles não puderam comprá-las. Não puderam tirá-las das mãos de Labão através de suborno. Nada conseguiram, e sua vida estava por um fio. A despeito de tudo isto, eis que surge um rapaz, desarmado, que entra andando na cidade, através de uma muralha que lhe estava fechada, através de portões que não podiam ser abertos, em um jardim que era impenetrável, para uma caixa forte que estava trancada, por entre soldados que não

podiam ser transpostos, e aparece com os braços cheios de registros que evitariam que sua posteridade e outros perecessem em descrença. (Ver I Néfi 3-4.)

Ele fez o impossível. Mas nada é impossível para o Senhor. Se o tivermos ao nosso lado, observando seus mandamentos, nossa energia e esforços, nosso planejamento e orações serão bastante grandes para a tarefa, e o trabalho, certamente, será realizado.

Precisamos estar sempre imbuídos de grande sinceridade, espírito humilde e numa total dependência do Senhor.

Lembrem-se de que o amor é a maior das leis. Quando foi perguntado ao Senhor quais eram as duas maiores leis, ele disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

"Este é o primeiro e grande mandamento.

"E o segundo semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mateus 22:37-39.)

Ele nos disse quem era o nosso próximo. Eram aqueles que estavam longe: os que estavam em suas viagens; que se encontravam machucados; os que não podiam pagar. Toda a gente é nosso próximo, e as irmãs que vocês visitam em seus lares são seu próximo. Se vocês forem só para cumprir a designação é uma coisa, mas se levarem ao seu vizinno um conhecimento pleno do evangelho, então isto é outra coisa. É como eu disse antes — qualquer coisa pode ser feita.

O autor Lloyd C. Douglas (1877-1951) escreveu: "A natureza sempre se revoltou contra tudo aquilo que delimitou seus processos cegos, mas ordeiros. Uma árvore poderá, durante muitos anos, empreender uma guerra vagarosa e silente contra uma parede que a estorva, sem fazer qualquer progresso visível. Um dia, a parede cai; não porque a árvore tenha subitamente encontrado uma energia sobrenatural, mas porque o trabalho paciente de autodefesa e autolibertação alcançou seu fim. A árvore há muito aprisionada conseguiu livrar-se, pois a Natureza abrira seu caminho." (Lloyd C. Douglas, *The Robe,* Boston, 1947.)

Vocês podem fazer isso. Como a pequena trepadeira, a minúscula raiz que pode derrubar uma parede ou quebrar uma pedra, vocês podem tocar corações e arrebatá-los de seus ancoradouros que não são bons, trazendo-os a uma atividade total. Isto pode ser feito!

Que Deus as abençoe, irmãs, em seu glorioso trabalho, em suas gentis personalidades, na influência grandiosa que podem transmitir aos outros. Oro, em nome de Jesus Cristo. Amém.



Pela Paz no Oriente Médio

Um telegrama invocando as bênçãos de Deus nas negociações de paz foi enviado pela Primeira Presidência aos líderes de Israel, Egito e Estados Unidos no início de setembro deste ano. Essa mensagem dizia: "Unimo-nos a vós, pedindo a nosso povo, homens e mulheres de todas as religiões que, em suas orações, roguem que a divina sabedoria os oriente em suas deliberações e decisões." Os líderes chegaram a um acordo no dia 17 de setembro de 1978.

TALVEZ O NATAL NÃO VENHA DE UMA LOJA

Jeffrey R. Holland



De um discurso feito para o corpo docente de Instrução Religiosa na Universidade de Brigham Young, Provo, Utah no dia 12 de dezembro de 1976.

Existem tantas lições a serem aprendidas do relato sagrado do nascimento de Cristo, que sempre hesitamos em dar ênfase a uma delas sem considerar as outras. Desculpem-me se faço isto durante este momento que passaremos juntos, aqui.

Uma impressão que tem persistido em mim é a de que esta é uma história a respeito de intensa pobreza. Imagino que Lucas tinha algo de especial em mente, quando escreceu de modo tão específico: "não havia lugar para eles na estalagem" em vez de 'não havia lugar na estalagem" (Lucas 2:7.) Não podemos estar certos, mas acho que, naqueles tempos, o dinheiro podia falar tão alto quanto em nossos dias. Penso que, se José e Maria fossem pessoas de influência ou posses, teriam encontrado alojamento, mesmo naquela ocasião movimentada do ano.

Também tenho imaginado se a Versão Inspirada também estava sugerindo que eles não conheciam as "pessoas certas", quando diz: "não havia ninguém para dar-lnes lugar nas estalagens." (Lucas 2:7, Versão Inspirada.)

Não podemos estar certos quanto ao que o historiador pretendia, mas sabemos que o casal era extremamente pobre. Na oferta de purificação que os pais faziam depois do nascimento da criança, uma rolinha substituiu o cordeiro exigido, substituição que o Senhor havia permitido na

Lei de Moisés para tornar mais leve a carga dos realmente pobres. (Ver Levítico 12:8.)

Os magos realmente vieram mais tarde, trazendo presentes, adicionando certo esplendor e riqueza à ocasião, mas é importante notar que vieram de um local distante, provavelmente a Pérsia, uma viagem de várias centenas de quilômetros. A menos que tenham iniciado a viagem muito antes do aparecimento da estrela, é bastante improvável que chegassem na noite do nascimento da criança. Na realidade, Mateus registra que, ao chegarem, Jesus era um "menino", e a família morava em uma "casa". (Mateus 2:11.)

Talvez isso nos dê algo de que devemos lembrar-nos em nossa época de festas. Talvez devam ser separadas as compras, as guloseimas e os presentes e decorações, dos momentos mais calmos e pessoais em que meditamos sobre o significado do Menino (e de seu nascimento) que enseja a troca desses presentes.

O ouro, incenso e mirra foram dados e apreciados com humildade. Assim também os nossos presentes devem ser, anualmente e para sempre. Como podem testemunhar minha mulher e filhos, ninguém fica mais satisfeito do que eu, quando tenho que dar e receber presentes.

Mas, exatamente por isso, eu, como vocês, preciso lembrar-me da cena simples, mesmo pobre, de uma noite destituída de ornamentos, embrulhos de presentes ou coisas boas deste mundo. Somente quando vemos aquele singelo, sagrado e sem adorno objeto de nossa devoção — o Menino de Belém — saberemos por que dar presentes é tão apropriado.

Como pai, comecei recentemente a pensar com mais freqüência em José, aquele homem forte, silencioso e quase desconhecido que deve ter sido mais digno do que qualquer outro homem mortal, para ser o pai de criação orientador do Filho vivo de Deus. Foi José, escolhido entre todos os homens, quem ensinou Jesus a trabalhar. Foi José quem lne ensinou os livros da lei. Foi José que, no isolamento da carpintaria, ajudou-o a entender quem era e, finalmente, em que se deveria tornar.

Eu estava estudando na Universidade de Brigham Young, terminando meu primeiro ano, quando nasceu nosso primeiro filho. Éramos muito pobres, embora não tanto quanto José e Maria. Tanto minha mulher como eu estávamos estudando e trabalhando e, adicionalmente, trabalhávamos como zeladores em um apartamento fora do campus para ajudar a pagar nosso aluguel. Andávamos com um pequeno Volkswagen com uma bateria quase descarregada por não podermos comprar uma nova (ou um novo carro!).

Não obstante, quando compreendi que nossa noite especial estava próxima, creio que teria feito qualquer coisa digna deste mundo, empenhando até meu futuro, para certificar-me de que minha mulher tivesse os lençóis limpos, os utensílios esterilizados, as enfermeiras atentas e os médicos hábeis que trouxeram nosso primeiro filho à luz. Se ela ou aquela criança tivessem precisado de cuidados especiais na melhor clínica particular, creio que teria até dado minha própria vida para obtê-los.

Comparo estes sentimentos (que tive com cada um dos filhos que se sucederam) com o que José deve ter sentido, ao percorrer as ruas de uma cidade estranha, sem um amigo ou parente à vista, nem ninguém que desejasse estender um gesto de ajuda. Nestas últimas e mais dolorosas horas que antecederam seu parto, Maria havia andado ou cavalgado aproximadamente 160 quilômetros de Nazaré, na Galiléia, até Belém, na Judéia. Certamente José deve ter chorado ao ver sua coragem silenciosa. Agora, sozinhos e sem serem notados, tinham que ficar num estábulo, numa gruta cheia de animais, para trazer à luz o Filho de Deus.

Imagino as emoções que José deve ter sentido ao afastar o esterco e o entulho.

Penso no ardor de suas lágrimas ao tentar, apressadamente, encontrar a palha mais limpa e afastar os animais. Gostaria de saber se ele imaginou: "Poderia haver uma circunstância mais insalubre, mais propensa a doenças e desprezível em que pudesse nascer uma criança? Será este um local apropriado para um rei? Dever-se-ia pedir à mãe do Filho de Deus que entrasse no "vale da sombra da morte" (Salmos 23:4), em um lugar desagradável e estranho como este? Será errado desejar-lhe algum conforto? Estará certo que ele deva nascer aqui?"

Mas estou certo de que José não resmungou e Maria não se lamentou. Ambos tinham conhecimento suficiente e fizeram o melhor que podiam.

Talvez esses pais soubessem, mesmo nessa época, que, no início de sua vida mortal, assim como no seu término, este bebê que lhes nascera teria que descer abaixo de toda dor e desapontamento humanos. Ele o faria para ajudar aos que também sentissem que haviam nascido sem privilégios.

Tenho também pensado em Maria, a mulher mais abençoada na história do mundo, que, como simples menina, recebeu um anjo que lhe transmitiu as palavras que mudariam o curso, não somente de sua própria vida, mas também de toda a nistória humana: "Salve, ó virgem, que és altamente favorecida pelo Senhor. O Senhor é contigo; pois és escolhida e bendita entre as mulheres." (Lucas 1:28, Versão Inspirada.) A natureza de seu espírito e a intensidade de sua preparação foram reveladas em uma resposta que indica inocência como maturidade: "Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a sua palavra." (Lucas 1:38.)

É aqui que me detenho, é aqui que procuro entender os sentimentos desta mãe, quando vem a saber que concebeu uma alma vivente, quando sente uma vida começar e crescer dentro de seu ventre, e que leva uma criança até dá-la à luz. Nessas horas, o pai fica de lado e observa, mas as mães sentem e nunca se esquecem. Pensei mais uma vez na cuidadosa descrição de Lucas daquela noite santa em Belém:

"Cumpriram-se os dias em que ela havia de dar à luz.

"E deu à luz seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura." (Lucas 2:6-7.) Essas palavras nos soam aos ouvidos indicando que, depois da própria criança, Maria é a principal figura, a rainha nobre, mãe de mães — permanecendo no centro da cena no maior de todos os momentos dramáticos. E aquelas mesmas palavras anunciam que, a não ser pela companhia de seu querido esposo, ela estava muito sozinha.

Tenho imaginado se esta jovem mulher, um tanto de criança, ao dar à luz seu primeiro bebê, não teria desejado que sua mãe, tia, irmã ou amigo estivessem junto dela durante o parto. Certamente o nascimento de um filho como este deveria convocar a ajuda e chamar a atenção de cada uma das parteiras da Judéia! Todos nós podemos desejar que alguém pudesse ter-lhe segurado a mão, refrescado sua fronte e, quando terminasse o parto, lhe tivesse dado descanso em roupas limpas e frescas.

Mas não foi assim. Apenas com a ajuda do inexperiente José, ela mesma deu à luz seu primogênito, envolveu-o em panos que trouxera em sua viagem e talvez o tenha depositado em uma almofada de feno.

Então, em ambos os lados do véu, uma hoste celestial irrompeu em uma canção: "Glória a Deus nas alturas," cantaram elas, "e na terra, paz entre os nomens de boa vontade." (Lucas 2:14, Tradução de Phillips.) Mas, a não ser pelas testemunhas celestiais, estes três estavam sozinhos: José, Maria e o bebê, que seria chamado Jesus.

Neste ponto focal da história humana, um ponto iluminado por uma nova estrela

revelada nos céus só para esse propósito, provavelmente nenhum outro mortal observou — ninguém além de um pobre jovem carpinteiro, uma bela mãe virgem, e silenciosos animais do estábulo que não possuíam o poder de expressar a santidade daquilo que haviam visto.

Logo chegariam pastores e, mais tarde, magos viriam do leste. Mas, no início e para sempre, havia apenas uma pequena família, sem brinquedos, árvores ou ornamentos. Com um bebê — foi assim que começou o natal.

É para esse bebê que devemos cantar em coro: "Eis dos anjos a harmonia, cantam glória ao novo Rei! Pois o Cristo revelado, vida e luz ao mundo traz. Nasce para que ressurjamos, vive para que vivamos." (Hinos, n.º 46.)

Talvez, recordando as circunstâncias daquele presente, de seu nascimento, de sua própria infância, talvez lembrando a pureza de fé e genuína humildade que serão exigidas de toda alma celestial, Jesus deva ter dito muitas vezes, ao olhar nos olhos das criancinhas que o amavam (olhos que sempre viram melhor quem e o que ele era): "se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus." (Mateus 18:3.)

O natal é, portanto, para as crianças de todas as idades. Presumo que seja por isto que minha canção de natal predileta seja um hino infantil. Canto-o com mais emoção do que a qualquer outro:

Jesus num presepe sem berço nasceu,
Não tinha agasalho o corpinno seu...
Tu és, ó Jesus, meu Senhor e meu Rei,
E nunca na vida te ofenderei.
O lindo menino, infante Jesus,
Que dormes na palha, banhado de luz,
Quisera que fosse no meu coração,
A tua morada, a tua mansão. (Cante Comigo, p. F-2.)

Jeff Holland, comissário de educação da Igreja, é membro da Ala 44 de Bountiful, Estaca de Bountiful Utah Central.

A Morte dos Papas Paulo VI e João Paulo I

A Primeira Presidência da Igreja enviou a seguinte mensagem de condolências aos católicos do mundo todo que choravam a morte do Papa Paulo VI:

"A morte do Papa Paulo VI encerra uma existência dedicada ao serviço da humanidade. Expressamos nossas sinceras condolências aos milhares de pessoas que seguiram sua orientação espiritual e nele encontraram um exemplo de altruismo, devoção e coragem."

Élder Charles A. Didier foi o representante oficial da Igreja nos funerais do Papa, no dia 12 de agosto de 1978, em Roma.

* * *

Outra mensagem de pêsames foi enviada pela Primeira Presidência aos católicos de todo o mundo por ocasião da recente morte do Papa João Paulo I, falecido no dia 28 de setembro de 1978, trinta dias depois de eleito.

"Partilhamos do choque causado pela repentina morte do Papa João Paulo I e expressamos nosso pesar aos que o seguiram como líder espiritual. No seu breve exercício como papa e durante uma vida toda de serviço dedicado à sua igreja, ele irradiou exemplos de amor e bondade, tão necessários em todos os lugares."

Joseph Smith, Profeta da Bondade

Kenneth W. Godfrey

Ao ensinar história da Igreja por mais de 16 anos e fazer considerável pesquisa relativa aos primórdios da igreja, uma das qualidades mais notáveis que encontrei no Profeta Joseph Smith foi a bondade. Este grande tributo parece ter permeado toda sua vida e ele o estendeu tanto às pessoas de todas as raças como também ao reino animal. Enquanto se encontrava preso, com vários companheiros, na prisão de Liberty, no Missouri, Joseph escreveu várias cartas à esposa Emma. Nestas, freqüentemente perguntava sobre a saúde e o bem-estar espiritual de seus filhos. Em certa carta muito interessante, na mesma sentença em que solicita a Emma informações sobre seus filhos e filhas, também pergunta sobre Joanna, sua égua, e Old Major, seu cachorro, animais que amava e tratava com bondade.

É bem sabido que Joseph e Emma adotaram os gêmeos Murdock, e criaram Júlia, a que sobreviveu ao ataque do populacho em Hiram, Ohio, como seus próprios filhos. Depois de suportar um casamento extremamente difícil, Júlia voltou a Emma Smith e foi recebida e tratada com o mesmo amor que fora parte de sua juventude. Talvez sejam menos conhecidos diversos atos de bondade encontrados nos diários de antigos membros da Igreja.



Em 1841, a família Walker, que consistia do pai, John Walker, a mãe, Lydia Adams Holmes Walker, e seus dez filhos, mudaram-se para Nauvoo. Esta família fiel sobrevivera ao Massacre de Haunt's Mill e à perseguição dos missourianos naqueles dias terríveis de 1838 e 1839. Muito pobres agora, chegaram à capital mórmon cheios de esperança e expectativa. Hospedando-se na casa do irmão de seu pai, foram apresentados a Joseph Smith naquela primeira noite. O verão trouxe calafrios e febre ao lar dos Walker, deixando a Irmã Walker muito debilitada. Quando Joseph teve notícias de sua saúde delicada, veio com Emma e levou essa irmã

para sua própria casa, crendo que a mudança melhorasse sua saúde. Não satisfeita por ficar longe de seus filhos, e ainda não refeita da doença, Lydia persuadiu os Smith a levá-la de volta para casa. Colocando a cama em um trenó, cobrindo a com cobertores, pois o inverno havia chegado, ela foi levada para lá cuidadosamente e, reunindo seus filhos, exortou-os a nunca se afastarem da verdade, para que pudesse encontrá-los "no mundo onde não haverá mais sofrimento, nem lágrimas de angústia." Fechando os olhos, "ela faleceu, com um sorriso celestial no rosto querido."

O falecimento de Irmã Walker deixou dez crianças órfãs, sendo o mais jovem de pouco menos de dois anos. O peso da tristeza pareceu abater a saúde do Irmão Walker, e logo a família começou a temer pela sua vida.

Vindo a saber de seus problemas, Joseph foi mais uma vez ajudar. Disse ao Irmão Walker que, a menos que "mudasse de ares", iria ao encontro de sua mulher, acrescentando: "Você tem exatamente a família que eu poderia amar. Minha casa será o seu lar; por agora, eu o aconselharia a vender sua casa, colocar os menores nas casas de amigos bondosos, e os quatro mais velhos virão para minha casa e serão tratados como meus próprios filhos. E se eu notar que os pequeninos não estão satisfeitos, ou que não estão sendo bem tratados, eu os trarei para casa e os manterei até que você volte."

Isto foi feito, e Lucy registra que o Profeta freqüentemente lhes emprestava sua carruagem, para que pudessem visitar seus irmãos e irmãs que agora moravam em outras partes da cidade. Então Lydia, que tinha apenas oito anos, contraiu encefalite. Temendo por sua vida e fiel à sua promessa, o Profeta levou-a para sua casa e orou por seu restabelecimento, cuidando dela como se fosse um dos seus, vendo-a resistir por alguns dias e então juntar-se a sua mãe no mundo espiritual. Emma e Joseph acompanharam as crianças, quando o corpo da pequena Lydia foi levado para seu lugar final de descanso. As crianças restantes permaneceram no lar do Profeta onde ficaram até que ele fosse levado pela morte. Então seu pai retornou com boa saúde e no devido tempo, elas o acompanharam através das planícies. Nunca se esqueceram, entretanto, do amor e real interesse que Joseph e Emma haviam demonstrado por sua família.

Mary Ann Stearns, enteada do Élder Parley P. Pratt, em sua autobiografia não publicada, relata uma experiência que teve, juntamente com sua família, com o Profeta Joseph, e que também ilustra sua grande bondade. Voltando de sua missão na Inglaterra juntamente com sua família e um grupo de imigrantes, através de St. Louis, Missouri, o grupo ficou retido durante quatro semanas por causa do frio e dos grandes pedaços de gelo que boiavam no quase enregelado Rio Mississipi. Quando, finalmente, chegaram a Nauvoo, a ansiedade dos ingleses por ver o Profeta Joseph só era suplantada pela preocupação dos santos de Nauvoo quanto à segurança dos imigrantes. Assim, Joseph, Hyrum e um grande número de pessoas estavam no cais para saudar os recém-chegados. Élder Pratt apresentou o grupo aos dois ilustres líderes e, quando todos, menos os Pratt, haviam desembarcado e ido para suas casas, o Profeta entrou na cabina do navio onde estava a família Pratt.

"Depois de uma saudação cordial, ele sentou-se e, pegando os garotos, Parley e Nathan, sobre os joelhos, mostrou-se muito comovido, quando o Élder Pratt comentou: 'Levamos três filhos e trouxemos cinco de volta.' O Profeta Joseph disse: 'Muito bem, Irmão Parley, você voltou trazendo com você seu feixe'. Lágrimas escorriam lne pela face. O irmão Pratt, vendo a emoção geral que isto causou, disse: 'Se você acha que é tão ruim voltarmos para casa, penso que teremos que partir novamente', e as lágrimas de alegria enchiam os seus próprios olhos."

A observação de Élder Pratt pareceu

amainar a emoção; os sorrisos voltaram e a alegria continuou a encher os corações. Então Joseph, levantando-se, disse: "Venha, Irmão Pratt, traga sua família para minha casa; é bem perto, e vocês poderão ficar mais à vontade depois de sua longa viagem." A Irmã Pratt, muito doente, foi colocada em uma cadeira grande e confortável e levada pelo Irmão Hodge e outros para a casa dele, onde uma noite realmente agradável deleitou toda a família.

Parece que a bondade do Profeta se estendia a todos os filhos de Deus. Uma grande ilustração de seu respeito por todos os homens foi um fato relatado em 1893 por Jane E. Manning, mulher negra que se converteu à Igreja nos primeiros tempos. Em 1842, a Irmã Manning filiou-se à Igreja em Connecticut e, através de muito trabalho e ainda maior risco, ela e vários outros membros negros da Igreja foram para Nauvoo. Andando até que seus sapatos estivessem gastos e seus pés tão sensíveis que se racharam em feridas e sangraram de modo que se podiam ver "as pegadas inteiras feitas com sangue no chão," chegaram a Peoria, no Illinois, e foram logo ameaçados de encarceramento pelas autoridades, caso seus papéis não estivessem em ordem. Quando apresentaram os documentos necessários, foram libertados e continuaram viagem, atravessando rios tão profundos, que a água batia até a altura do pescoço. Chegando, finalmente, a Nauvoo, foram encaminhados à casa do Profeta Joseph Smith e, nas palavras de Tia Jane:

"A Irmã Emma estava em pé, na porta, e disse gentilmente: "Entrem, entrem!" O Irmão Joseph disse a algumas das irmãs brancas que estavam presentes: "Irmãs, desejo que acomodem estes irmãos e irmãs que acabam de chegar." O Irmão Joseph colocou as cadeiras em roda na sala e então saiu e trouxe Irmã Emma e o Dr. Bernnisel, apresentando-os a nós. O Irmão Joseph sentou-se ao meu lado, dizendo: "Você chefiou este pequeno grupo, não foi?" Respondi-lhe que sim, e ele então me falou: "Que Deus a abençoe! Gostaria de que agora você narrasse sua experiência nesta viagem." Contei-lhes tudo o que disse acima e muitos outros incidentes, detalhadamente, à medida que me vinham à memória. O Irmão Joseph deu um tapa amigável no joelho de Dr. Bernhisel e disse: "O que acha disso, doutor, não é fé?" Ao que o doutor retrucou: "Acho que é realmente; se fosse comigo, creio que teria desistido e voltado para casa."

O grupo todo ficou na casa do Profeta durante a semana inteira, até que lhes fosse conseguido alojamento adequado. O Profeta vinha todas as manhãs ao quarto onde estavam, para saber se tudo estava bem, tendo-lhes também fornecido algumas roupas novas, pois haviam perdido as que tinham durante a viagem. Certa manhã, ao ver a irmã Jane cnorando, porque os outros já haviam encontrado casas, ele saiu da sala, falou com Emma durante alguns minutos e depois lhe perguntou se queria morar com sua família. Foi assim que ela ficou, e ajudava Emma nas tarefas de casa, nunca se esquecendo da bondade do casal Smith. Morreu fiel à Igreja, em abril de 1908, sempre grata pelo tempo que passou no lar do Profeta.

Em outra ocasião, a viúva Emily Williams, que ainda não era membro da Igreja, e residia em Michigan, viu sua filhinha ficar muito doente. Depois de muitos dias, declarou-lhe o médico que estavam perdidas todas as esperanças de recuperação da criancinha. Ouvindo dizer que Joseph Smith estava por perto, visitando seus primos, ela mandou chamá-lo, para que viesse e administrasse à sua filhinha. O Profeta veio com seu pai e, ajoelhando-se junto à menina, impôs-lhe as mãos sobre a cabeça e prometeu-lhe que se recuperaria. Emily relata que "a criança mudou, seus ataques a deixaram e ela dormiu, estando completamente curada na manhã seguinte."

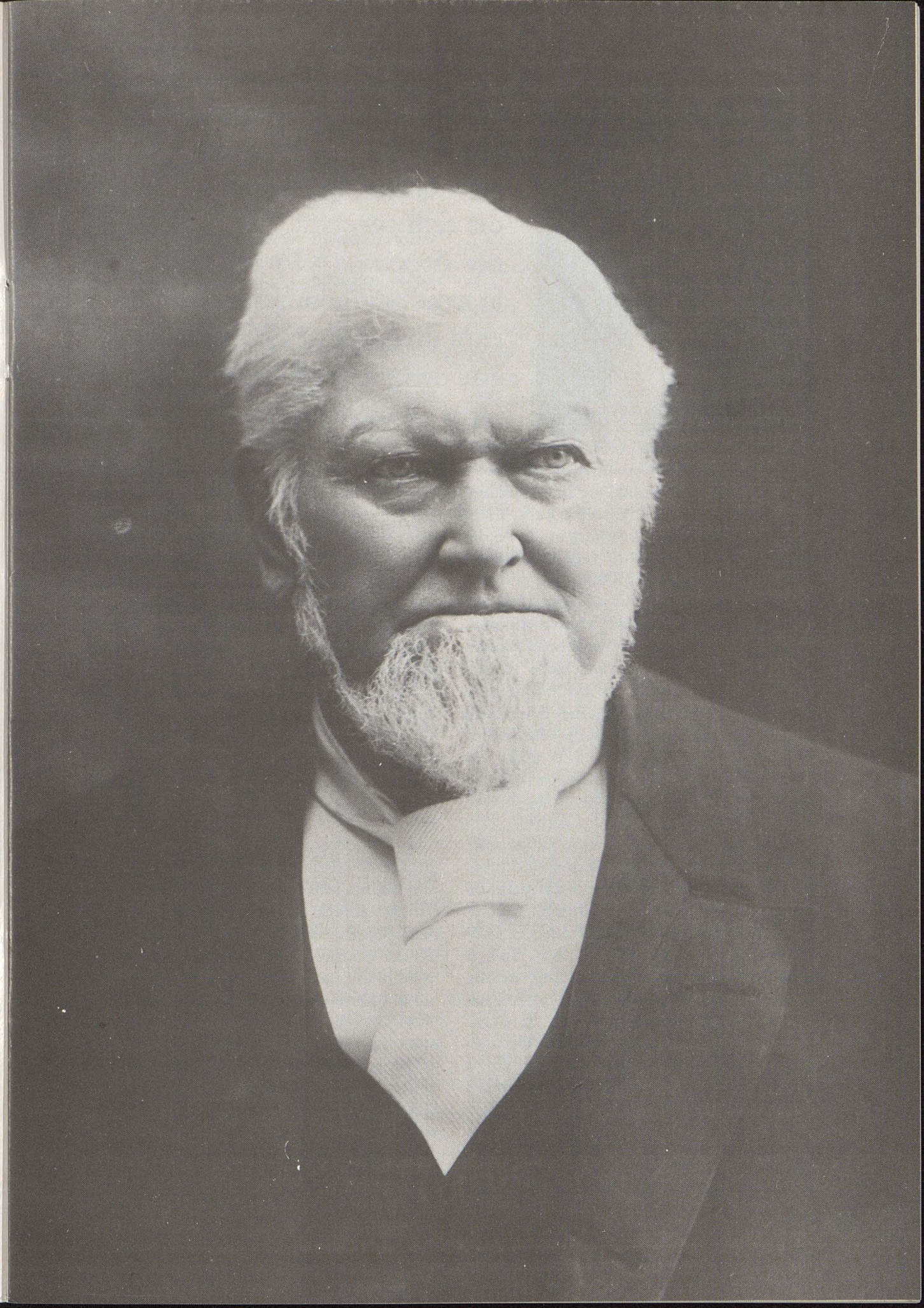
Assim, torna-se evidente que o Profeta Joseph Smith fornece a todos nós um exemplo de bondade e amor a todos os homens, que incentiva a trazer à tona o que ná de melhor em cada santo dos últimos dias.

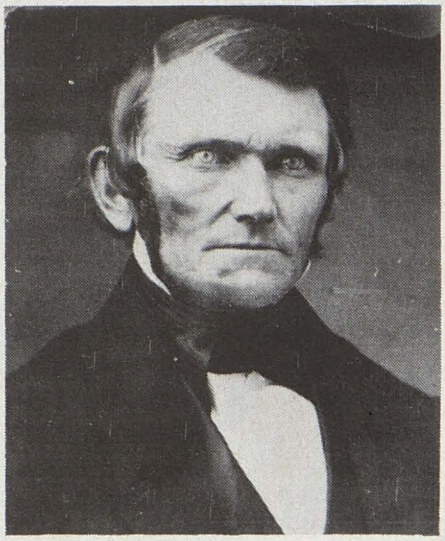
SOMOS GUIADOS POR REVELAÇÃO

Wilford Woodruff

Comentários feitos pelo Presidente Wilford Woodruff, na Conferência da Estaca de Cache, realizada em Logan, Utah, na tarde de domingo, 1.º de novembro de 1891.

Esta manhã, antes de vir para a reunião, estudei, com bastante interesse, algumas pinturas na casa de Irmão Moses Thatcher — "Cristo diante de Pilatos" e "Cristo no Calvário." Pensei ao examiná-los, que o Salvador, como dissera o Irmão Joseph F. Smith, certamente "desceu embaixo de todas as coisas." Ele desceu aqui, à terra, nasceu de uma mulher, em uma dispensação designada pelo Pai, recebendo um corpo mortal... Pensem, durante alguns momentos, sobre o curto espaço de tempo em que trabalhou na carne depois de sua designação pelo Pai — três anos e meio. Observem seu sofrimento, o trabalho que realizou — a organização da Igreja de Deus, a designação de Doze Apóstolos, dos setenta e de alguns discípulos, que o seguiram durante esse período. Lembrem-se, então, de que não só ele foi condenado e crucificado, derramando seu sangue para a redenção do mundo, mas cada um de seus Apóstolos foi morto pela palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo, exceto João, o Revelador. Não o puderam matar, visto que o Senhor havia designado que vivesse; não fora isso, e tê-lo-iam destruído como os outros. Ao observar o Salvador pregado na cruz,... pensei em nossas próprias condições nestas montanhas. Atravessamos sessenta anos como um povo e, por que tendes hoje a Presidência convosco? Por que tendes Apóstolos vivendo em vosso meio, transitando por vossas ruas com liberdade, depois de sessenta anos? Por que tendes mais do que duzentos mil santos dos últimos dias reunidos nestes vales das montanhas, no meio de uma geração de sessenta milhões de pessoas? Essas são perguntas que deveriam ser respondidas na mente dos santos dos últimos dias. Existe um significado, irmãos e irmãs, para todas estas coisas. Vivemos em uma dispensação diferente, e sob uma ordem diversa de coisas, em certo sentido, do que fizeram o Salvador e os Apóstolos. Aqueles foram tempos de sacrifício. Os homens santos que receberam o Apostolado naqueles dias, estavam prontos para entregar sua vida juntamente com o Salvador, e suas existências foram curtas, comparadas com a história da Igreja de Deus em nossa época. Foram todos mortos, com exceção de um, e Deus os levou para si. Tirou também o sacerdócio da terra, que permaneceu nas mãos de Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, até 1829. Passaram-se longos séculos. Milhões de seres humanos nasceram, viveram na terra, morreram e foram para o mundo espiritual,





Wilford Woodruff com 46 anos de idade.

"O Senhor está conosco, e tem estado desde o princípio. Esta Igreja não foi guiada um só dia sem revelação. E ele nunca nos deixará. Não importa quem morra, ou quem seja escolhido para dirigir esta Igreja, eles têm que dirigi-la pela inspiração do Deus Todo-Poderoso."

e nenhuma dessas almas, até onde vai nosso connecimento, tinha poder para, entre os seres humanos, administrar as ordenanças do evangelho de vida e salvação. Sem dúvida, houve milhões de homens bons que agiram de acordo com o entendimento que possuíam. Houve homens como John Wesley[1], Martinho Lutero[2], Wyliffe[3], Zwinglio[4], Melancthon[5] e milhares de outros que surgiram em seus dias e pregaram o evangelho de acordo com o conhecimento e compreensão que possuíam. Mas não tinham o poder de administrar qualquer ordenança que tivesse alguma validade depois da morte. Eles não possuíam o santo sacerdócio.

Agora, em nossos dias e nossa geração, chegamos a um ponto na história do mundo em que este sacerdócio está restaurado. O Senhor levantou Joseph Smith. Ele surgiu na época apropriada. Organizou uma Igreja. Quem foi Joseph Smith?... Era apenas um rapaz inculto quanto às coisas do mundo. Mas era um homem puro. Nasceu através da linnagem de Abraão, Isaque e Jacó. Os antigos patriarcas e profetas predisseram a seu respeito. O Livro de Mórmon indica seu nome. Joseph Smith foi inspirado pelo Espírito Santo, e foi-lhe administrado, em resposta a suas orações, pelo Pai e pelo Filho; e o Pai lhe disse: "Este é meu Filho Amado. Ouve-o." (Joseph Smith 2:17.) Ele ouviu estritamente as palavras de Jesus Cristo e continuou a fazê-lo, até que, como o Salvador outrora, foi morto. Posso dizer que naquela época me pareceu estranho permitir-se que o Profeta e seu irmão Hyrum fossem tirados de nosso meio. Mas Joseph Smith, por mandamento de Deus e pelo poder e revelações do céu, foi ordenado e assentou os alicerces desta grande dispensação da plenitude dos tempos. Ele foi trazido ao mundo e ordenado para organizar esta Igreja de Cristo pela última vez sobre a terra, a fim de prepará-la para a vinda do Filho do Homem. E depois de sua morte, ao refletir sobre o assunto, convenci-me de que ele havia sido ordenado para morrer — para derramar seu sangue como um testemunho para esta dispensação... Joseph Smith era um homem iletrado; mas depois, seus professores e instrutores foram anjos — Apóstolos que haviam habitado na carne na época de Jesus. Ele estava numa condição tal, que obteve testemunhos e ensinamentos que o mundo não recebeu; e tinha poder para organizar a Igreja de um modo que todo o mundo cristão combinado não poderia fazer. Por quê? Porque um homem, não importa quão rico ou erudito, não pode dar algo que não possui. Eles não tinham poder para organizar esta Igreja, pela ausência do Sacerdócio. Mas Joseph Smith possuía

esse Sacerdócio e tinha poder para organizar a Igreja.

Daqueles dias até os atuais, a Igreja continuou a crescer, embora os membros tenham sido perseguidos, expulsos de seus lares e seus bens destruídos. Milhões de espíritos decaídos, com milhões da família humana, foram levantados em batalha contra esta Igreja, mas não tiveram poder para destruí-la. Por quê? Porque o Deus Todo-Poderoso ordenou que ela permanecesse..

Agradeço a Deus por vivermos em uma época como esta, quando temos poder para edificar Sião e cumprir as palavras dos Profetas. Os habitantes da terra têm que ser advertidos. Esta é a razão pela qual estamos aqui...

O Senhor escolheu as coisas fracas do mundo para dirigir o seu povo. Joseph Smith era apenas um jovem, quando morreu — não tinha quarenta anos de idade. Viveu cerca de quatorze anos depois da organização da Igreja. Sucedeu o o Presidente Brigham Young. Era pintor e vidraceiro. Um homem humilde. Mas o Sennor o chamou para guiar seu povo. Vocês conhecem Brigham Young, sabem o que fez e do espírito que estava com ele. O Senhor o acompanhava, e ele continuou a dirigir este lugar pelo poder de Deus e pelas revelações de Jesus Cristo. Assentou os alicerces de um grande trabalho nestas montanhas de Israel...

O que era John Taylor? Era um torneador de madeira, e dirigiu esta Igreja por um bom tempo. Wilford Woodruff era moleiro e fazendeiro; essa foi a maior ambição a que ele chegou, no que se refere a este mundo. É assim que o Senhor escolheu esses homens. Deus sempre escolheu as coisas fracas da terra. Deus mostrou a Abraão, em seus dias, os espíritos que habitavam em sua presença "e entre todas estas (inteligências) havia muitas nobres e grandes;" (Abraão 3:22) e Deus disse a Abraão: "A estes farei meus governantes;... e disse-me: Abraão, tu és um deles; foste escolhido antes de nasceres." (Abraão 3:23) Abraão ficou à testa de Israel no início. Ele é nosso grande progenitor. Deus levantou o Salvador através dos lombos de Abraão.

Os santos dos últimos dias não devem imaginar que o Senhor abandonou o seu povo, ou que não mais revela sua mente e vontade, pois essa idéia não é verdadeira. O Senhor está conosco, e conosco tem estado desde o princípio. Esta Igreja não foi guiada um dia sequer sem revelação. E ele nunca a deixará. Não importa quem viva ou morra, ou quem seja chamado para dirigir esta Igreja, terá de guiá-la através da inspiração do Deus Todo-Poderoso. Se não fizer desse modo, nada poderá fazer. O Senhor não falhará nestes últimos dias, e cumprirá tudo o que tem prometido através de seus Profetas e Apóstolos, até que Sião se levante em sua glória, e a Noiva, a esposa do Cordeiro, esteja preparada para a vinda do grande Noivo.

"Fiz alguns comentários no último domingo em Brigham City, a respeito do mesmo assunto: revelação. Leiam a vida de Brignam Young, e dificilmente encontrarão uma revelação na qual ele dissesse: "Assim diz o Senhor."; mas o Espírito Santo estava com ele; ele ensinava por inspiração e revelação; mas há uma diferença entre o que ele falava e as revelações que Joseph recebeu. Pois não foram escritas como revelações e mandamentos à Igreja, nas palavras e no nome do Senhor. Joseph falava: "Assim diz o Senhor" quase todos os dias de sua vida, ao etabelecer o alicerce desta obra. Mas aqueles que o seguiram, não julgaram necessário sempre dizer: "Assim diz o Senhor"; entretanto, ainda assim dirigiram o povo por intermédio do poder do Espírito Santo. E se quiserem saber o que é, leiam os primeiros seis versículos da seção 68 de Doutrina e Convênios, onde o Senhor disse a Orson Hyde, Luke Johnson, Lyman Johnson, e William E. McLellin, que partissem e pregassem ao povo o evangelho, como fossem inspirados pelo Espírito Santo:

"E tudo o que falarem, quando sob a inspiração do Espírito Santo, será escritura, será a vontade do Senhor, será a

mente do Senhor, será a palavra do Senhor, será a voz do Senhor e o poder de Deus para a salvação,' (D&C 68:4).

É por intermédio desse poder, que temos guiado Israel. Através dele, o presidente Brigham Young presidiu e dirigiu a Igreja. Pelo mesmo poder, o Presidente John Taylor presidiu e dirigiu a Igreja. E este também é o melhor modo que tenho agido, de acordo com o melhor de minhas forças nesta capacidade. Não quero que os Santos pensem que o Sennor não está conosco, e que não está dando revelações a nós; pois que ele revelará até que esta obra termine.

Eu tive algumas revelações ultimamente muito importantes para mim e lhes direi que o Senhor me falou. Deixe-me levar suas mentes para o que está contido no Manifesto. O Senhor me disse por revelação que há muitos membros da Igreja em Sião que estão profundamente feridos devido ao Manifesto, e também devido ao testemunho da Presidência da Igreja e dos Apóstolos diante do Juiz Supremo. Desde que recebi aquela revelação ouvi muitos que são tentados pelo que ela contém. Bem, o Senhor me mandou fazer uma coisa e eu fiz o que Ele me mandou na conferência em Brigham City no último domingo e farei o mesmo aqui hoje. O Senhor me disse que fizesse uma pergunta aos Santos dos Últimos Dias e Ele também me disse que se eles escutarem o que lhes disser e responderem a pergunta que lhes for feita e isso pelo espírito e poder de Deus, todos responderiam a mesma coisa e todos teriam a mesma crença em relação a este assunto. A pergunta é: Qual é o caminho mais sábio a ser seguido pelos Santos dos Últimos Dias, continuar a tentar praticar o casamento plural, contra as leis da nação e com a oposição de sessenta milhões de pessoas e com o custo do confisco e perda de todos os templos e a paralisação na realização de ordenanças tanto para os vivos como para os mortos como conseqüência disso; o aprisionamento da Primeira Presidência e dos Doze bem como dos chefes de família na Igreja e o confisco das propriedades particulares das pessoas (o que por si mesmo pararia a prática) ou, depois de passar pelos sofrimentos por que passamos devido a nossa aceitação deste princípio, deixar de lado a prática da poligamia e nos submetermos às leis e por fazê-lo deixar os Profetas, Apóstolos e os pais em casa para que eles possam instruir o povo e cuidar dos deveres da Igreja e das ordenanças tanto para vivos como para os mortos?'.

O Senhor me mostrou em visão e por revelação exatamente o que sucederia se não parássemos com essa prática. Se nós não a tivéssemos parado não haveria lugar para o Irmão Merril, o Irmão Adlefson, o Irmão Roskelley ou para o Irmão Leishman ou para qualquer dos homens neste templo de Logan; pois todas as ordenanças cessariam na terra de Sião. Reinaria a confusão em Israel e muitos homens seriam feitos prisioneiros. Essas dificuldades viriam sobre toda a Igreja e nós seríamos forçados a deixar a prática. Agora, a pergunta é se a prática deve parar desta maneira ou da maneira como o Senhor nos manifestou, deixando os nossos Profetas, Apóstolos e pais livres e os templos nas mãos do povo para que os mortos possam ser redimidos e um grande número deles tem sido libertado da prisão por este povo: agora, esse trabalno deve parar ou continuar? Esta é a pergunta que eu faço aos Santos dos Últimos Dias. Vocês terão que julgar por vocês mesmos. Quero que respondam sozinhos. Eu não responderei, mas digo-lhes que aquela seria a condição em que nós, como povo, nos encontraríamos se não tivéssemos tomado o caminho que tomamos.

Sei que existem alguns bons homens e provavelmente alguns líderes nesta Igreja que foram tentados e pensam que o Presidente Woodruff perdeu o Espírito de Deus e está prestes a apostatar. Quero que saibam que ele não perdeu o Espírito nem está para apostatar. O Senhor está com ele e com este povo. Ele me disse exatamente o que fazer e qual seria o resultado se nós não fizéssemos o que Ele disse.

Alguns amigos da Igreja entraram em contato comigo e me suplicaram que eu fizesse algo a respeito deste assunto. Eles sabiam o caminho que o Governo estava determinado a tomar. Este sentimento foi expresso em maior ou menor escala pelos membros da Igreja. Eu vi exatamente o que ocorreria se algo não fosse feito. Tive esse espírito comigo por muito tempo mas, eu lhes quero dizer isto: eu deixaria todos os templos se perderem para nós, eu teria ido para a prisão e deixaria qualquer outro homem ir para lá, se o Deus dos Céus não me tivesse mandado fazer o que eu fiz; e quando chegou a hora de fazer o que eu fui mandado, tudo estava claro para mim. Coloquei me diante do Senhor e escrevi o que Ele me disse que escrevesse e o coloquei diante de homens com a força do Irmão George O. Cannon. Joseph F. Smith e os Doze Apóstolos. Seria muito mais fácil desviar um exército armado de sua direção do que desviá-los de fazer o que é certo. Esses homens concordaram comigo. Por quê? Porque eles foram movidos pelo Espírito de Deus e pelas revelações de Jesus Cristo.



Nesta fotografia, tirada no ano de 1896, aparecem quatro gerações de Wilford Woodruff.

Deixo isso com vocês, para que meditem e considerem. O Senhor está trabalhando conosco. Ele está fazendo aqui coisas que vocês não compreendem. Orem a respeito desses assuntos. Não se preocupem; não se aborreçam com eles.

Regozijo-me de que o Senhor nos tenha revelado o evangelho. Regozijo-me de viver nesses dias e geração em que temos a Igreja de Deus sobre a terra. Temos tido profetas e apóstolos entre nós. Eles têm trabalhado aqui, na carne, e salvo muitas almas. Eles morreram e foram para o mundo espiritual. Josepn Smith mantém as chaves desta dispensação. Ele as reterá até as eras sem fim da eternidade, não importa quem dirija a Igreja depois dele. O Senhor nos deu poder para vir aqui e edificar templos. Temos três templos erigidos nestas montanhas, e muitos dos mortos neles foram redimidos, e eles terão parte na primeira ressurreição. Portanto, devemos estar agradecidos ao Senhor. Queremos continuar nesses templos. Queremos que eles sejam ocupados pelos santos dos últimos dias. Queremos que nossos irmãos e irmãs continuem a ir lá, para redimir os mortos e abençoar os vivos. O Senhor cuidará de vocês e de suas famílias. Ele cuidará de Sião e desta geração, cumprindo tudo o que disse.

Eu lhes digo, Deus os abençoe. E ele os abençoará, se vocês ouviram seus conselhos.

Quero que os santos dos últimos dias parem de murmurar e reclamar quanto às providências de Deus. Confiem nele. Lembrem-se de suas orações. Obtenham fé no Senhor, apeguem-se a Sião e edifiquem-na. Tudo ficará bem. O Senhor vai visitar o seu povo e abreviar seu trabalho em retidão, ou nenhuma alma será salva. Eu lhes digo, observem os sinais dos tempos e preparem-se para o que há de vir. Deus os abençoe. Amém.

Élder James E. Faust no Conselho dos Doze



Élder James E. Faust é o novo apóstolo da Igreja. Foi apoiado como membro do Conselho dos Doze na Conferência Geral de Outubro de 1978. Nasceu a 31 de julho de 1920 em Delta, Utah e é filho de George e Amy Finlinson Faust.

Élder Faust foi atleta quando estudante. Foi missionário no Brasil e depois participou da II Guerra Mundial como oficial da Força Aérea dos Estados Unidos. Em 1945 voltou à Universidade de Utah e em 1948 graduou-se em Direito. Casou-se com Ruth Wright em 1948 e têm cinco filhos.

Serviu como presidente da Ordem dos Advogados de Utah e foi consultor da Ordem dos Advogados da América e membro da Câmara de Deputados do Estado de Utah.

Entre seus inúmeros chamados eclesiásticos incluem-se os de bispo, sumo conselheiro de estaca, presidente de estaca, Representante Regional, Assistente do Quorum dos Doze e membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta. Antes de seu novo chamado era presidente da Missão Internacional da Igreja, supervisor de zona da América do Sul, diretor executivo do Departamento de Currículo da Igreja, editor das revistas da Igreja e vice-presidente e diretor do comitê executivo da "Deseret News Publishing Company".

Foi supervisor de área do Brasil, onde residiu de 1975 a 1977.

"Meus sentimentos a respeito deste novo chamado não podem ser expressos ou compreendidos. É uma experiência diferente das que já tive. Há muita ansiedade e sofrimento pois sinto-me inadequado e pequeno. Mas há uma doce segurança e conforto advindos do amor e bondade das autoridades gerais. Todos têm sido bondosos, solícitos e atenciosos, principalmente o Presidente Kimball e seus conselheiros. Sou muito grato aos que me apoiaram, levantando a mão. Sua confiança é admirável... Não alego ter compreendido completamente todos os princípios do evangelho — há muito ainda para compreender, mas sempre tive um testemunho. Crer tem sido fácil para mim. Não digo que há algum mérito pessoal nisso; é uma dádiva. Mas sinto, com profundo senso de bênção, que posso dizer como o irmão de Jared, que eu sei sem nenhuma dúvida.

Élder Bangerter Chamado Para a Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

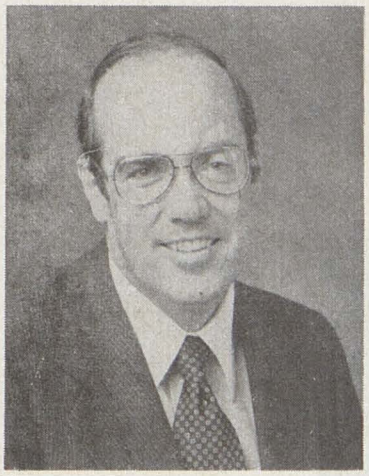


Élder William G. Bangerter, Supervisor de Área do Brasil, vai deixar-nos em breve, retornando aos Estados Unidos, em virtude de seu novo chamado para preencher a vaga na presidência do Primeiro Quorum, criada quando o Élder James E. Faust foi chamado para o Conselho dos Doze Apóstolos.

O Élder Bangerter tem desenvolvido fortes laços de amizade com o povo brasileiro, desde a primeira vez em que aqui serviu como missionário de tempo integral, de 1939 a 1941. Retornou em 1958 como presidente da Missão Brasileira, dedicando mais cinco anos de sua vida à pregação do evangelho em nossa pátria. E, por último, há um ano e meio servia como nosso Supervisor de Área, dirigindo as últimas fases da construção do Templo de São Paulo, impulsionando a obra missionária e provendo liderança a toda a área eclesiástica da Igreja no Brasil.

O Élder Bangerter, sua esposa, Geraldine e os filhos que aqui vivem com eles, deixarão muitas saudades entre os santos brasileiros.

Três Novos Membros do Primeiro Quorum dos Setenta



Élder F. Burton Howard



Élder Teddy E. Brewerton



Élder Jack H. Goaslind

Na abertura da última Conferência Geral, realizada a 30 de setembro passado, no tabernáculo de Lago Salgado, o Presidente Mundial da Igreja, Profeta Spencer W. Kimball, anunciou o chamado de três novas autoridades gerais, membros do Primeiro Quorum dos Setenta: os irmãos F. Burton Howard, de Bountiful, Utah; Teddy Eugene Brewerton, de Calgary, Alberta, Canadá, e Jack H. Goasling Jr., de Salt Lake City.

Élder HOWARD de 45 anos, é advogado e nasceu em Logan, Utah, sendo filho de Fred P. e Beatrice Ward Howard. É casado com Caroline Heise Howard e têm quatro filhos e uma filha. Fez missão no Uruguai e é formado pela Universidade de Utah. Já foi professor do seminário diário, presidente do quorum dos élderes, superintendente da Escola Dominical, líder de grupo de sumos sacerdotes, superintendente da AIM, conselheiro de bispado e bispo durante cinco anos. Durante os últimos cinco anos foi presidente da estaca Sul de Bountiful, Utah.

Élder BREWERTON, de 53 anos, já foi presidente de estaca e de missão e serviu como representante regional por mais de quatro anos antes de ser chamado como Autoridade Geral. Nasceu em Raymond, Alberta, Canadá e seus pais são Lee e Jane Fisher Brewerton. Casou-se com Doroty Hall em 1954 no templo de Alberta. Têm quatro filhas e dois filhos.

É formado pela universidade de Alberta e serviu na Força Aérea Canadense. Além de representante regional, também foi bispo e presidente de missão da América Central, conselheiro e presidente da estaca Calgary, Alberta, Canadá de 1972 a 1974.

Élder GOASLING, de 50 anos, foi representante regional das regiões de Provo, Provo Norte e Midvale antes de seu chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta. Nascido em Salt Lake, é filho de Jack H. e Anita Jane Jack Goasling, e casado com Gwen Bradford. Tem três filhos e três filhas. Élder Goasling fêz missão no Canadá e serviu na Força Aérea dos Estados Unidos. É formado pela Universidade de Utah.

Na Igreja foi bispo, sumo conselheiro, conselheiro e presidente da estaca Olympus de Salt Lake. Foi representante regional e presidente da missão Tempe, do Arizona, de 1975 a 1978. Foi novamente chamado como representante regional logo depois de voltar da missão.

ACONTECEU REALMENTE!

Ilustrado por **Don Seegmiller**



No início do ano de 1884, o belo templo mórmon em Logan, Utah, estava quase pronto para ser dedicado...

1

Enquanto o templo estivera em construção, o Bispo Henry Ballard, que nele trabalhara desde o início, orou fervorosamente para que, de alguma forma, pudesse receber nomes de ancestrais que tinham vivido na longínqua Inglaterra.



2

No dia anterior à dedicação do templo, e enquanto várias das filhas do Bispo Ballard estavam brincando...



3



Dois homens estranhos aproximaram-se repentinamente!!!

4

Um dos homens deu à menina mais velha um jornal dobrado, dizendo...

"Dê isto a seu pai e a ninguém mais. Vá depressa e não o perca."

Era o Newberry Weekly News, editado em sua cidade natal, na Inglaterra, havia apenas três dias.



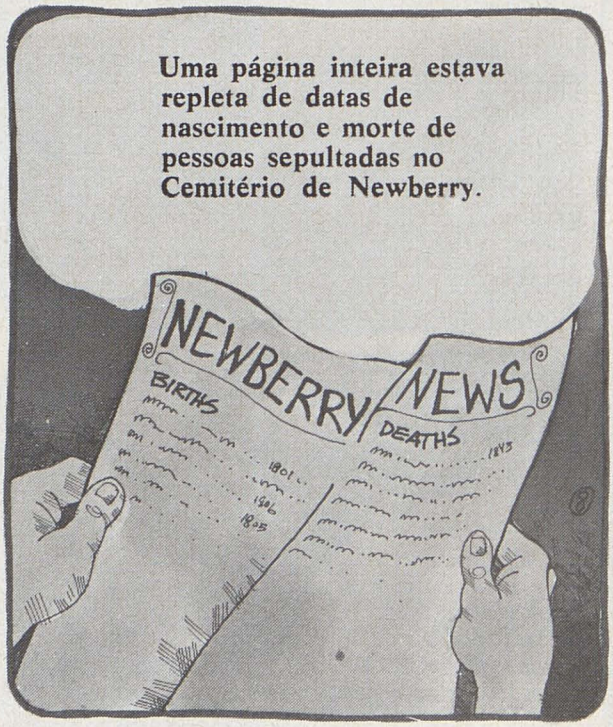
A garota apressou-se em levar o jornal.



ao seu pai.



Uma página inteira estava repleta de datas de nascimento e morte de pessoas sepultadas no Cemitério de Newberry.

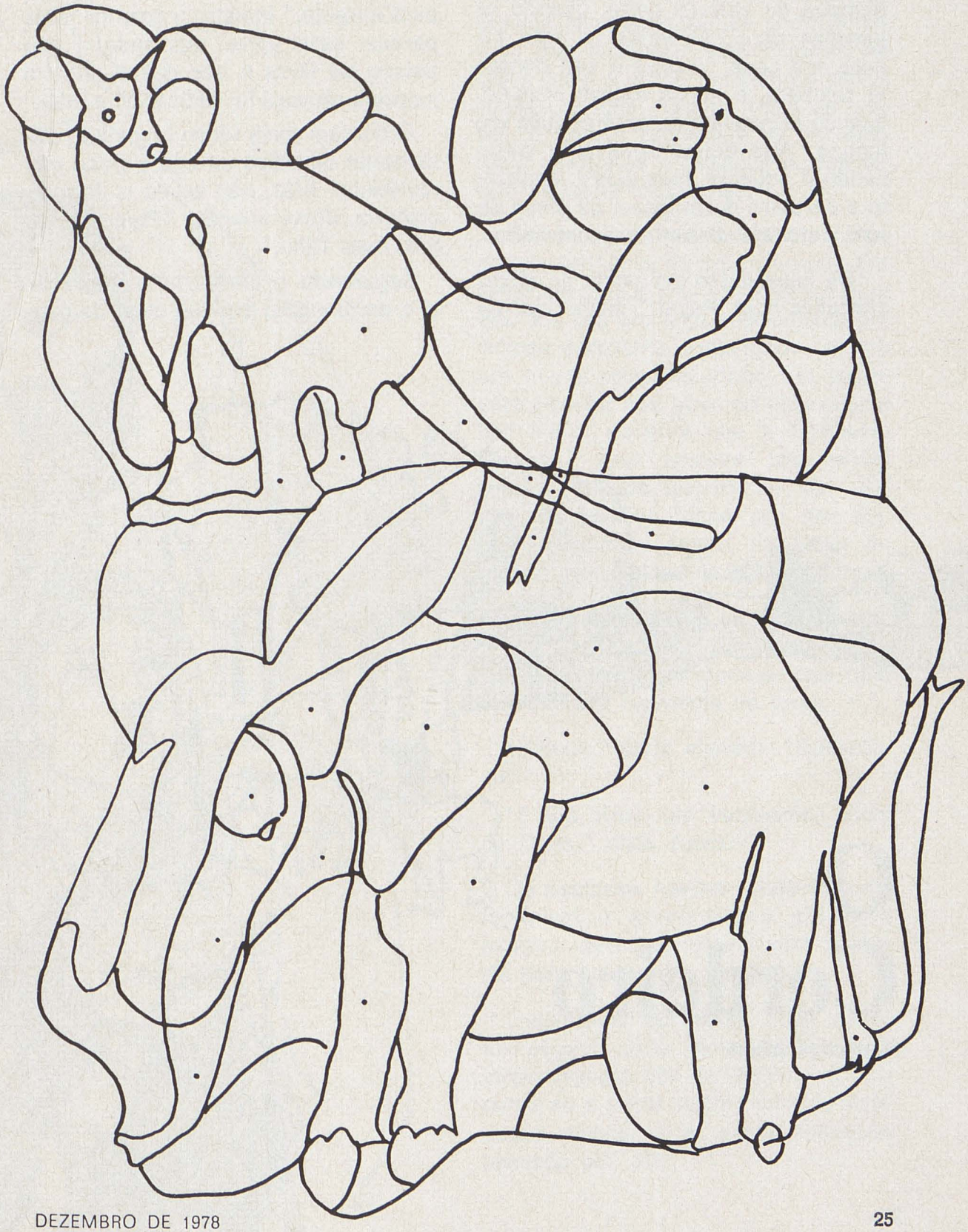


O presidente do templo disse: "Bispo Ballard, você está autorizado a fazer o trabalho por essas pessoas, pois recebeu o registro através de mensageiros do Senhor."



SÓ PARA DIVERTIR

Preencha as áreas com um ponto, com lápis de cor,
e veja que animais pode encontrar.



O Cordeiro

Margaret Allen

A mão gentil da noite havia abaixado as cortinas do firmamento, quando Joel, o mais jovem dos pastores, se sentou na encosta do monte galileu, acariciando seu cordeiro. Ele gostava do cair da noite, quando as estrelas pareciam velas na taça escura dos céus. Amava a seu cordeiro também, e nunca estava sozinho, quando brincavam durante os dias tão longos. Nas noites frias, seu corpo cálido o aquecia, mas agora, enquanto o cordeiro dormitasse, os olhos de Joel estavam distantes e estranhos.

"Os céus estão brilhando de modo diferente hoje, Papai," disse Joel ao homem que estava ao seu lado, alto como uma árvore ereta.

"É a glória de Deus, filho," respondeu o pastor.

"É sempre assim quando o céu está límpido," insistiu o garoto. "Mas parece, esta noite, que todo o céu baixou na terra e que posso subir o monte e alcançá-lo, esticando a mão."

O homem mais idoso levantou rapidamente os olhos ao céu e ficou maravilhado. Mas, não tendo o dom da oratória, disse apenas: "Parece mesmo, meu filho."

Segurando o cordeirinho perto de si e enrolando-o em sua capa de pas-





tor, o rapazinho deitou-se na terra para ver melhor a glória dos céus.

Da mesma forma que muitos outros pastores, tinha curiosidade com relação às estrelas. Acreditava que alguma pessoa escolhida poderia, algum dia, descobrir qual o plano de Deus para a terra, estudando estas janelas do céu. Assim, todas as noites, o garoto procurava as estrelas mais familiares e buscava outras de que pudesse lembrar-se.

Joel localizou sua estrela favorita, aquela brilhante no céu oriental. Ele havia imaginado muitas histórias com ela. Ela era um anjo cuja espada poderosa derrotaria o maligno. Ou era um nobre príncipe, vindo em glória para libertar seu povo da opressão e dar honra àqueles que o tivessem servido. Joel ansiava por servir àquele Príncipe querido — dar sua vida, se preciso fosse, por seu Senhor. Sonhando assim, os olhos do garoto se fecharam e ele dormiu.

Repentinamente, o ruído de muitas vozes acordou Joel; não o murmúrio calmo de pastores atentos, mas uma emocionada harmonia de sons.

"Vamos," dizia alguém. "Apresse-se!"

"É um sinal, um verdadeiro sinal de Deus," dizia outro.

Os pastores haviam coberto suas fogueiras e enrolavam-se em seus mantos, deixando uma figura solitária para cuidar das ovelhas.

Levantando os olhos, Joel quase foi cegado pelo facho de luz que atravessava o céu da meia-noite. Era como se a porta do firmamento estivesse aberta, e a glória houvesse passado por ela.

Bem acordado agora, Joel levantou-se. "O que é isto, Pai?" De onde vem?" Pegou o cordeiro e segurou-o nos braços.

O Pai colocou um braço em volta dos ombros do filho e disse, numa voz cheia de contida emoção: "Venha, Joel, finalmente é o sinal!"

Homem e garoto andaram a passos largos atrás dos outros, seguindo o caminho de luz.

O pátio da hospedaria estava escuro, quando eles o alcançaram, e o barulho alvoroçado do dia sossegou. Até os camelos estavam dormindo encostados na parede de fora. Entretanto, o estábulo parecia ter uma incandescência estranha.

Joel estava sobressaltado. Será que uma fagulha teria iniciado um incêndio no estábulo, entre as madeiras crestadas pelo sol? Não, nem havia chamas na palha, que se queimaria facilmente. Era a uz do céu que se inltroduzia brilhante como o sol do meio-dia. Os pastores se ajoelharam, pois eram homens humildes e sabiam que este era solo santo.

Havia um homem na porta do estábulo. Como se estivesse esperando visitantes, fez sinal para que entrassem.

Poderia aquela criancinha ser o Príncipe, o Salvador de seu povo? Não podia ser — um rei nascido em um estábulo! Este lugar era para humildes pastores. Ainda assim, havia um sinal. Certamente era de Deus, algo sagrado. Joel sentia-se honrado por estar neste local. Seu coração exultava com o milagre, sentia o calor do cordeiro junto a seu peito.

Ele olhou para o pai e viu-o acenando com a cabeça como se soubesse o que se passava no coração do garoto. Joel apertou mais o cordeiro contra si, hesitando, e sussurrou: "Ele poderia ficar com frio sem mim."

"Uma cama no feno será quente, meu filho."

"Mas, se eu o deixasse, ele choraria."

"As pombas cantarão para que durma."

"Mas ele ficaria solitário."

"A Criança também o amará, meu filho."

Apertando o cordeiro em um grande abraço, Joel aproximou-se da manjedoura e colocou-o diante do bebê.

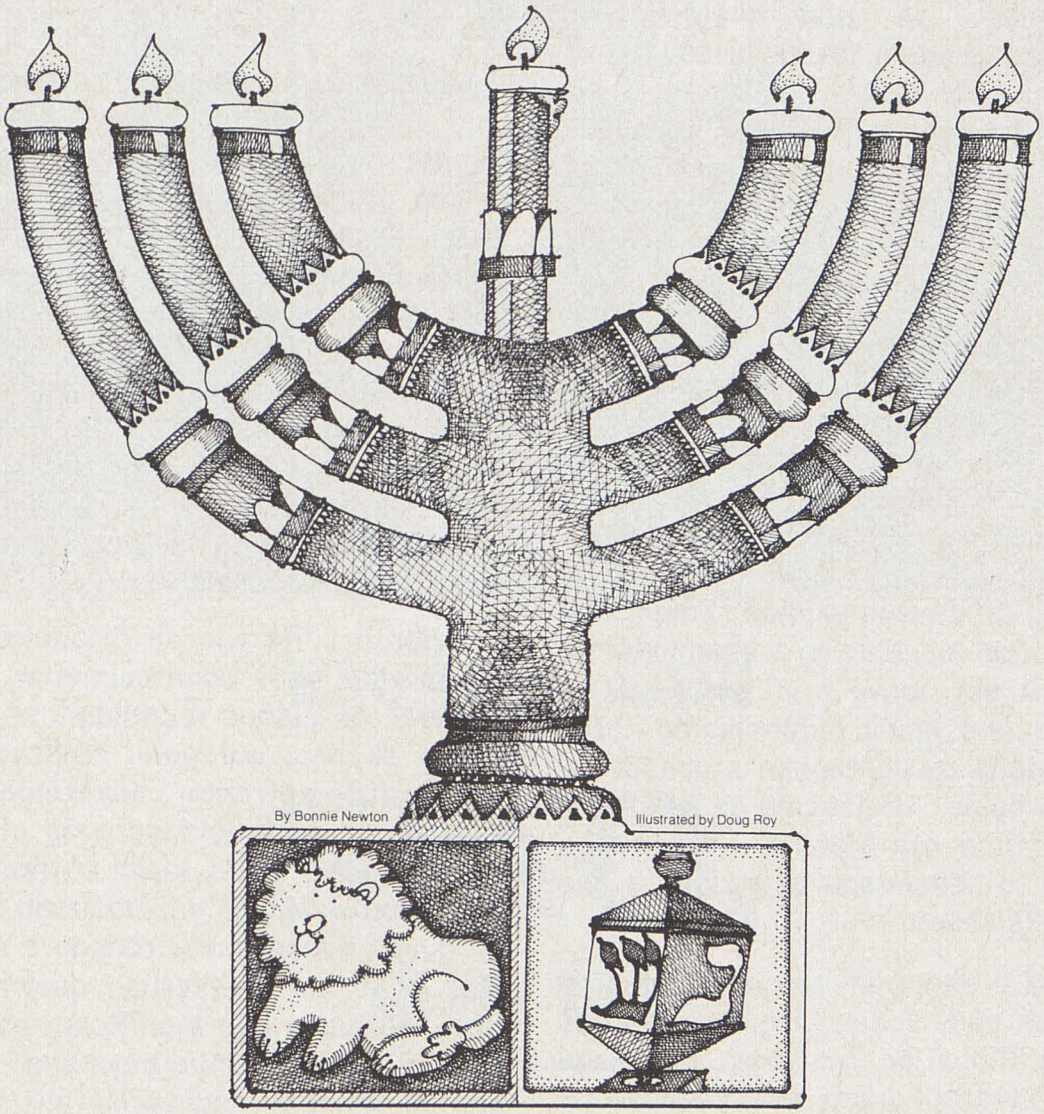
A mãe sorriu gentilmente, e Joel não sentiu mais tristeza. Seu coração parecia explodir de alegria, quando olhou para aqueles olhos cheios de compreensão e amor. Era como se ela soubesse o que significava aquilo a que mais se amava, e isto no cordeiro, como no Bebê, era a novidade de vida que é sempre a esperança do mundo.

A mão do pai estava cálida e bondosa, quando dirigiu Joel para fora do estábulo, passando pelos camelos que dormiam e indo para o pátio aberto. O ar estava límpido como antes. A glória dos céus ainda reluzia no local humilde.

Homem e garoto ficaram ali em silêncio. Seria música o que ouviam? Seria um coro celestial? Poderiam as estrelas estar cantando juntas? Joel não sabia. Pensava que poderia até mesmo ser a nova e estranha música que brotava de seu próprio coração.

FELIZ "HANUKKAH"

Bonnie Newton



Na época do ano em que os cristãos se desejam mutuamente FELIZ NATAL, os judeus, em todo o mundo, estão saudando seus amigos com FELIZ "HANUKKAH" (Festa das Luzes ou Festa da Dedicação)!

Durante esta celebração, as crianças recebem presentes e representam em peças e espetáculos. O povo judeu também dá presentes aos pobres e coleta dinheiro para projetos que necessitem de sua ajuda.

Se vocês pudessem ver o interior do lar de seus vizinhos judeus, em cada uma das noites dos oito dias de "Hanukkah" veriam pais e filhos reunidos à volta de um belo "menorah" ou candelabro. Na primeira noite, somente uma vela é acesa no "menorah" de oito ramos; na noite se-

guinte, a segunda vela, e assim por diante, até que as oito velas iluminem o lar feliz. A nona vela, a que ajuda todas as outras a serem acesas, é chamada de "shammash".

Enquanto as velas queimam, as pessoas cantam, fazem brincadeiras, alegremente contam histórias, e deliciam-se com guloseimas especiais do "Hanukkah, como "latkes" (panquecas de batatas) cobertas com creme azedo. Comem também biscoitos com a forma de leões.

"Hanukkah" celebra a rededicação do templo de Deus depois de uma época turbulenta na história dos judeus. No ano de 168 A.C., Antíoco Epífano IV, um rei greco-sírio, invadiu a Palestina e capturou Jerusalém. Apoderou-se do templo judeu e encheu-o de deuses pagãos. Então, tentou forçar os judeus a abandonarem sua fé em Jeová e a adorarem os ídolos que havia estabelecido. Mas os judeus recusaram-se a abandonar sua religião. Um ancião da Palestina, cujo nome era Matatias, desafiou o tirano e conclamou os judeus a que se rebelassem.

Eles o seguiram até os montes da Judéia, onde Judas Macabeu, um dos cinco filhos de Matatias, organizou um exército. Judas era chamado de Macabeu, que significa "martelo", devido aos golpes que deu em defesa da liberdade.

Durante três anos, os judeus lutaram contra Antíoco. Embora fossem em muito menor número, e estivessem mal equipados, Judas Macabeu os levou a muitas vitórias sobre os enormes exércitos greco-sírios. Finalmente, eles recapturaram Jerusalém. Os judeus imediatamente purificaram o templo de todos os ídolos pagãos e transformaram-no mais uma vez em casa de adoração a Deus.

Mais adiante, Judas proclamou uma celebração para reedificar o templo de Deus e para acender a chama eterna que arderia diante do altar. Entretanto, crê-se que só foi possível encontrar óleo suficiente para queimar a lâmpada diante da arca sagrada uma única noite. Fervorosamente, a lâmpada foi acesa e, de modo milagroso, permaneceu queimando durante oito dias, até que um novo suprimento de óleo estivesse pronto. Enquanto a lâmpada queimava, o povo celebrava.

Durante o feriado do "Hanukkah", celebrando este acontecimento memorável, os judeus rededicam-se aos ideais de fé e coragem, embora tenham que enfrentar adversidades. Esta época de felicidade e de oferta de presentes inclui jogar o tradicional "dreidel", com um pequeno pião de quatro lados que é rodado à mão. Nas faces, estão escritas quatro letras hebraicas que significam as palavras: "Naze godolla hoya sha" (um grande milagre aconteceu ali). Trocam-se prêmios de acordo com o lado do pião que está para cima, quando ele pára de rodar.

É fácil compreender por que os judeus têm orgulho de sua história e por que acendem as velas tão alegremente.



EM BUSCA DE SIÃO, 1830 - 1835

Glen M. Leonard

Acontecimentos significativos durante a década de 1830, tornaram-na uma das mais importante na história mórmon. De um pequeno começo em Fayette, na parte ocidental de Nova Iorque, a Igreja cresceu rapidamente. Os conversos, ansiosos por apoiar o trabalho, falavam voluntariamente com seus amigos e vizinhos a respeito do evangelho restaurado. Aqueles que apoiaram Joseph Smitn e Oliver Cowdery como os "primeiros élderes" da Igreja, partilhavam de seus bens para o cuidado dos pobres e ajudavam na construção de um templo em Kirtland, Ohio. A pedra cortada do monte, sem mãos (vide Daniel 2:45) havia começado sua missão mundial, rolando vagarosamente no início, mas aumentando em velocidade e tamanho, à medida que o tempo passava.

O Livro de Mórmon animava os primeiros santos com um senso de participação em importantes acontecimentos que precederiam a Segunda Vinda de Jesus Cristo. A Bíblia e o Livro de Mórmon, juntamente com novas revelações dadas



Devido às perseguições, Joseph Smith recomendou aos santos que se dirigissem para o oeste, para Sião — uma terra pacífica onde poderiam viver calmos e felizes, uma terra ocidental que o Senhor lhe dera a conhecer em uma revelação. Pintura de CCA Christensen.

através de Joseph Smith, indicavam um importante período de trabalho missionário nos últimos dias, enquanto os justos eram reunidos dentre os iníquos de todas as nações. Como parte da obra preparatória ao Milênio, os santos testemunharam que o evangelho seria levado aos povos remanescentes da casa de Israel.

Em outubro de 1830, Oliver Cowdery, Peter Whitmer Jr., Parley P. Pratt e Ziba Peterson partiram de Nova Iorque em uma missão aos índios do oeste americano. Visitaram as tribos dos Cattaraugus, perto de Búfalo, Nova Iorque, e a dos Wyandot, em Ohio, no caminho para o oeste. Os colonizadores de fronteira haviam chegado até o Missouri, como seu ponto do extremo oeste. Além daquele ponto, viviam índios deslocados para lá pelos pioneiros que se mudavam para o oeste. Mas, quando Oliver Cowdery e seus companheiros chegaram à fronteira de Missouri, encontraram desilusão. Os missionários visitaram os índios Shawnee e então se reuniram em conselho com a nação Dalaware. Apesar da recepção amigável feita pelos índios, os missionários foram forçados a sair da reserva por agentes do governo, os quais alegaram que eles estavam quebrando a paz. Este contato mórmon inicial com os lamanitas não trouxe as conversões esperadas pelos missionários. Não obstante, a expedição chamou a atenção da Igreja para o Missouri, onde os santos logo procurariam estabelecer uma Cidade de Sião.

Os missionários realmente fizeram uma boa colheita em Ohio. A caminho do oeste, haviam visitado Sidney Rigdon, um ex-pregador campbelita e amigo de Parley P. Pratt. Cético a princípio, Rigdon estudou o Livro de Mórmon, convidou os missionários para falarem para sua congregação e logo solicitou o batismo. O mesmo fizeram cerca de 130 pessoas naquela área. Rigdon não se satisfaria até que conhecesse o Profeta. Em dezembro, ele e um jovem chapeleiro, Edward Partridge, viajaram juntos para a casa dos Smiths, em Waterloo, Nova Iorque, para conhecer Joseph Smith. O Profeta ficou impressionado com as aptidões de Rigdon e logo recebeu uma revelação, declarando que o Senhor o havia preparado "para um trabalho maior." (D&C 35:3.) O antigo pregador logo usou de suas habilidades retóricas para explicar o evangelho aos outros. Em pouco tempo, começou a servir como escriba de Joseph Smith em uma revisão inspirada da Bíblia e serviu como conselheiro na Primeira Presidência.

Os membros da Igreja em Nova Iorque necessitavam com urgência de um local de coligação, e a revelação identificou dois. Um deles era ao oeste de Missouri, em um lugar perto de Independence, no Condado de Jackson. Durante o verão de 1831, o Profeta e outros visitaram a área e selecionaram um local de colonização para um grupo de santos que estavam migrando para o oeste, vindos de Coles-



ville, Nova Iorque. Eles o chamaram — inclusive Independence — de Sião, o Lugar Central, porque uma revelação o identificava como a futura capital da Nova Jerusalém. Joseph Smith assentou a pedra angular para um templo em Sião, e ordenou Edward Partridge um bispo para cuidar dos assuntos temporais. Ele foi o primeiro bispo da Igreja.

Nesse meio tempo, ao norte de Ohio, outros conversos de Nova Iorque estavam estabelecendo uma segunda congregação mórmon na área de Kirtland. Uniram se aos conversos de Onio para estabelecer o que se pretendia que fosse uma comunidade temporária, enquanto esperavam a mudança prevista para Sião. Joseph Smith levou sua família para Ohio e desde essa época até 1838, Kirtland foi a sede da Igreja.

Revelações e Traduções

O período de Kirtland, na História Mórmon, foi cheio de experiências religiosas emocionantes para os membros da Igreja. Os santos em Kirtland testemunharam um derramamento de dons, beneficiados por revelações freqüentes para a orientação da Igreja, e assistiram a desenvolvimentos importantes nos padrões do governo da Igreja.

Entre os primeiros conversos de Ohio, estava Luke S. Johnson. Seus pais, os John Johnsons, que possuíam uma grande fazenda perto de Hiram, Ohio, visitaram o Profeta em Kirtland. A sra. Johnson sofria de reumatismo crônico e estava impossibilitada de usar um dos braços havia seis anos. Durante a visita, o Profeta tomou a sra. Johnson pela mão e declarou: 'Em nome do Senhor Jesus Cristo, eu te ordeno que fiques curada." A sra. Johnson foi curada. O acontecimento deixou uma impressão duradoura sobre as testemunhas, como evidência do poder do sacerdócio. Este milagre foi seguido por outras manifestações de vários dons do espírito entre os santos dos últimos dias. Mas, quando antigos 'hakers' (membros de uma seita religiosa iniciada na Inglaterra) tentaram imitar os dons verdadeiros com pretensas "operações espirituais" praticadas em sua antiga religião, foram repreendidos pelo Profeta por suas piruetas, volteios e distorções faciais.

Imitadores tentaram também alegar revelações para a Igreja. Uma certa sra. Huble, entre outros, declarou-se com o direito de dirigir os santos em Ohio. Contra tais intrusos, o Profeta declarou, por revelação, como havia feito antes, que o Senhor tinha designado somente uma pessoa para essa função. Através de Josepn Smith, a revelação moderna orientava os santos em sua vida pessoal, instruía-os quanto aos procedimentos da Igreja e apresentava doutrina.

Na década de 1830, o Profeta expandiu a compreensão doutrinária, restaurando escrituras perdidas. Duas dessas eram a Profecia de Enoque e as Visões e Escritos de Moisés, mais tarde incluídos na Pérola de Grande Valor. No verão de 1830, Joseph Smith começou a revisar o Antigo e Novo Testamentos. Trabalhou neste projeto por aproximadamente dois anos, corrigindo versículos mutilados por antigas más traduções. Durante esse período, Joseph Smith recebeu também muitas revelações importantes, estando entre elas a visão dos graus de glória (D&C 76), uma profecia sobre guerra (D&C 87), a Palavra de Sabedoria (D&C 89), instruções sobre o sacerdócio (D&C 84) e importantes verdades sobre a relação do homem para com Deus (D&C 93).

Desde o início, os santos procuraram cópias das traduções do Profeta e das revelações. Já em 1830, ele começara a preparar as revelações para publicação. Fez correções editoriais às revelações reunidas para um pretendido Livro de Mandamentos, e adicionou um prefácio e apêndice revelados em novembro de 1831. A impressão da nova escritura estava com cerca de três-quartos terminados em julho de 1833, quando um populacho destruiu a impressora da Igreja, em Independence. Algumas cópias incompletas das folhas impressas foram preservadas por membros, mas atrasos posteriores de mais dois anos permitiram que se fizessem acréscimos ao volume. O Profeta aumentou a coleção, adicionou muitos ensaios doutrinrios conhecidos como "Lectures on faith" (Dissertações sobre a Fé) e colocou as revelações em ordem quase cronológica. A nova escritura foi publicada no outono de 1835 sob o título: Doutrina e Convênios.

Enquanto os seguidores do Profeta aguardavam ansiosamente seus pronunciamentos, muitos vizinhos caçoavam do conceito de revelação moderna e tudo que ela implicava. Os jornais de Ohio ridicularizavam os mórmons por causa de suas crenças, e os ministros se juntavam ao coro de acusações, algumas vezes até dirigindo-o.

A oposição às vezes, levava à violência física. O mais proeminente desses acontecimentos em Ohio foi o que se deu durante a noite de 24 de março de 1832, enquanto Joseph Smith e sua família moravam na casa de John Johnson, em Hiram, Ohio. Naquela noite, um bando de mais de doze homens, arrastou o Profeta e Sidney Rigdon para fora de suas camas, sufocaram-nos até que estivessem completamente exangues, e arrastaram-nos até os campos próximos. Arranharam o Profeta selvagemente, tentaram fazer com que ingerisse ácido e então cobriram seu corpo nu com alcatrão e penas. Élder Rigdon foi deixado delirando, devido à violência dos choques de sua cabeça contra o chão. Quando, uma semana depois, o Profeta partiu em uma segunda visita a Missouri, seus antagonistas o seguiram. Ele procurou proteção em um vapor que viajava no rio e completou sua jornada em segurança. Daí em diante, quase que continuamente precisou de guardas para protegê-lo de ameaças do populacho e assassinato.

Problemas como este não impediram os esforços para publicar as boas novas da restauração. As impressoras da Igreja em Missouri e Ohio publicaram um hinário compilado pela mulher do Profeta, Emma, lançaram novas edições das escrituras e iniciaram a publicação de *"The Evening and Morning Star* (A Estrela Vespertina e Matutina), o primeiro jornal da Igreja. O trabalho missionário expandiu-se durante a década de 1830. Excursões feitas por missionários de curto prazo eram comuns, e os élderes viajavam por cidades vizinhas durante períodos de inatividade na fazenda. Missões de duração mais longa levavam o evangelho a todas as partes dos estados organizados dos Estados Unidos e parte superior do Canadá.



Pintura de Joseph e Hyrum Smith pregando aos índios, feita por CCA Christensen.

Organização do Reino

Um tema central das revelações e pregações da década de 1830 era o de que a moderna Israel reunida estabeleceria o reino do Senhor em preparação para o Milênio. Este reino, a Igreja restaurada de Jesus Cristo, foi organizado à volta de princípios e modelos anunciados por revelação. O livro Doutrina e Convênios, de 1835, continha as primeiras instruções do Senhor a respeito de governo da Igreja, incluindo referências à lei de consagração e mordomia e aos ofícios do sacerdócio.

O modelo ideal do Senhor para assuntos econômicos foi estabelecido em revelações recebidas em 1831 e 1832. Era chamado de lei da consagração e mordomia. Os membros da Igreja que concordassem em viver a nova ordem econômica, consagravam sua propriedade e bens pessoais à Igreja. Em contrapartida, o bispo devolvia a cada membro uma herança, ou mordomia, constituída de propriedade e bens suficientes para ele e sua família." (Vide D&C 42:30-32.) Os excedentes eram designados àqueles que tivessem menos do que as necessidades básicas, e usados para financiar as publicações da Igreja e sustentar oficiais da Igreja de tempo integral. Depois do convênio original de consagração, esperava-se que os membros contribuíssem anualmente com o excedente ao bispo.

A lei de consagração e mordomia foi executada tanto em Ohio como no Missouri. Alguns dos santos demonstraram sua má vontade em viver a lei e seguiu-se uma série de ajustamentos. Por volta de 1838, foi introduzido um sistema menos exigente, a lei do dízimo. (D&C 119.)

A administração das consagrações e heranças era responsabilidade do bispo. Durante este período de tempo, o Bispo Partridge cuidava dos assuntos temporais em Missouri, enquanto o Bispo Newell K. Whitney servia em Ohio. Esses bispos possuíam jurisdição regional. Faziam parte dos vários novos oficiais do sacerdócio designados na década de 1830 para governar a Igreja em crescimento.

Antes de 1831, a organização eclesiástica consistia apenas de élderes, sacerdotes, mestres e diáconos, chefiados por uma presidência dual do "primeiro" e "segundo" élderes. V. D&C 20:2-3 Durante os quatro anos seguintes, Joseph Smith introduziu vários novos ofícios e quoruns de liderança do sacerdócio. Foi de especial importância a ordenação dos primeiros sumos sacerdotes em uma conferência especial em Kirtland, no dia 3 de junho de 1831, assim como sua subseqüente designação para cargos de presidência.

A organização presidente logo assumiu o modelo que tem seguido desde o período de Kirtland. Em 25 de janeiro de 1832, Joseph Smith foi apoiado presidente do sumo sacerdócio e, seis semanas depois, foram designados os conselheiros Sidney Rigdon e Jesse Gause para completar a Primeira Presidência. Gauge serviu por menos de um ano, ficou descontente e foi substituído por Frederick G. Williams. A Primeira Presidência assistia toda a Igreja e também servia como presidência da Estaca de Kirtland, auxiliada por um sumo conselho organizado em 17 de fevereiro de 1834. Naquele mesmo mês de julho, uma presidência de estaca e sumo conselho foram organizados no Condado de Clay, Missouri. Assim surgiu a estaca como uma unidade administrativa da Igreja.

Um outro cargo introduzido por revelação foi o de patriarca. Joseph Smith Sênior recebeu a designação em 18 de dezembro de 1833. Em fevereiro de 1835, foram acrescentados os outros dois quoruns gerais: o dos Doze Apóstolos e o dos Setenta.

As Três Testemunhas do Livro de Mórmon foram chamadas a escolher os primeiros apóstolos, selecionando um grupo dedicado de jovens entre 24 e 35 anos. Nem todos eles permaneceriam fiéis até o fim, mas entre os escolhidos estava Brigham Young, que mais tarde se tor-



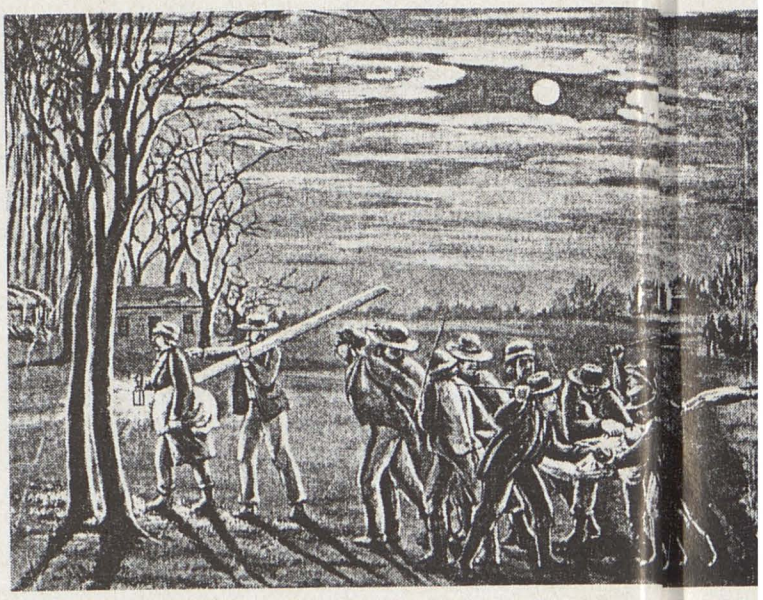
naria sucessor de Joseph Smith como presidente da Igreja. Não muito depois de sua ordenação, os novos apóstolos foram organizados por Joseph Smith em um modelo de hierarquia de acordo com sua idade. A lista incluía: Thomas B. Marsh, David W. Patten, Brigham Young, Heber C. Kimball, Orson Hyde, William E. M'Lellin, Parley P. Pratt, Luke S. Johnson, William B. Smith, Orson Pratt, John F. Boynton e Lyman E. Johnson.

Também em fevereiro de 1835, Joseph Smith chamou os primeiros setentas e organizou-os com sete presidentes para cada quorum. Os presidentes do Primeiro Quorum dos Setenta deviam dirigir todos os setentas, os quais tinham a tarefa de ajudar os Doze a levar o evangelho ao mundo. Revelações em 1832 e 1835 definiram as responsabilidades dos novos oficiais do sacerdócio. Tais revelações são encontradas nas seções 84 e 107 de Doutrina e Convênios.

Expulsão do Condado de Jackson

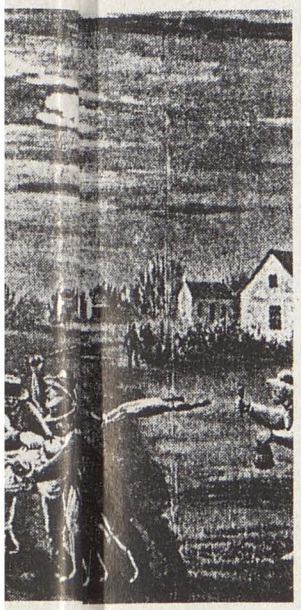
Enquanto prosseguiam esses desenvolvimentos administrativos em Kirtland, os santos no Missouri perdiam suas reivindicações iniciais da terra de Sião. Em 1833 Joseph Smith esquematizara o modelo para a cidade de Sião e seus templos. A cidade deveria ter 2,59 quilômetros quadrados com quadras de 4 hectares, e vinte e quatro templos, doze em cada duas quadras. Mas esta visão da capital do milênio seria transferida devido ao conflito entre os santos dos últimos dias e os colonizadores originais do Missouri.

Os moradores originais da fronteira, que não eram mórmons, sentiram-se ameaçados pelo influxo de colonizadores mórmons. Os santos estavam rapidamente comprando propriedades no Condado de Jackson e logo suplantariam o número de missourianos. Os mórmons dominariam os assuntos comerciais e as eleições. Além disso, os cidadãos locais suspeitavam dos ensinamentos religiosos mórmons relativos



à coligação de Sião, à consagração e às novas revelações. Muitos dos santos dos últimos dias que eram convertidos vinham do nordeste dos Estados Unidos, enquanto vários dos missourianos tradicionais alegavam fidelidade às instituições sociais do sul, incluindo-se a escravidão.

Os cidadãos do Missouri eram particularmente sensíveis à questão dos negros livres, e a lei estadual restringia sua entrada no estado. Este assunto estava no centro da controvérsia, quando as hostilidades contra os mórmons entraram em erupção, em julho de 1833. Durante vários meses, antes dessa época, certos colonizadores missourianos de influência estavam procurando meios de expulsar seus vizinhos indesejáveis. Faziam circular artigos anti-mórmons e denunciavam a jactância de alguns santos excessivamente zelosos que estavam declarando que a população não-mórmon ou gentia seria forçada a sair de suas terras. Em julho, o jornal da Igreja, *Tne Evening and Morning Star,* publicou um artigo explicando as restrições do Missouri à imigração dos negros livres. Os residentes locais interpretaram-no como um encorajamento à imigração, sendo assim, uma ameaça à sua posse de escravos. O editor do jornal, William W. Phelps, logo emitiu um escla-



Nos fins de março de 1832, em Hiram, Ohio, EUA, perto de Kirtland, Joseph Smith estava dormindo depois de haver estado durante quase toda a noite cuidando de uma criança doente, quando doze homens irromperam no quarto, agarraram a ele e a Sidney Rigdon e arrastaram-nos para um campo. Arrancaram suas roupas,, espancaram-nos e arranharam-nos, cobrindo-lhes o corpo ferido com alcatrão e penas; não obstante, ele apareceu na Igreja no dia seguinte e, sem mencionar o ataque que ele e Sidney haviam sofrido na noite anterior, pregou calmamente. Pintura por CCA Christensen.

recimento, mas os cidadãos enraivecidos já se haviam reunido para redigir um manifesto ou "constituição secreta", solicitando a expulsão dos santos.

Os missourianos reuniram-se em comícios públicos, mais tarde, naquele mês, a fim de obter apoio para seu ultimato. Exigiram que os colonizadores SUD vendessem sua terra e seus negócios e saíssem do lugar. Quando os líderes locais da Igreja rejeitaram o plano, os impacientes missourianos destruíram a prensa e então atacaram outros estabelecimentos comerciais mórmons. Edward Partridge e Charles Allen foram pintados de alcatrão e cobertos de penas em praça pública. Três dias depois, o populacho obrigou os oficiais da Igreja, sob ameaça de fuzis, a assinarem uma promessa de evacuar todas as propriedades mórmons até a primavera seguinte.

Os líderes da Igreja no Condado de Jackson fizeram uma petição ao Governador Daniel Dunklin, do Missouri, solicitando proteção. Os funcionários estaduais aconselharam os santos a procurar ajuda através de seus tribunais locais, e assim eles fizeram. Ao mesmo tempo, anunciaram sua intenção de defender seus lares e propriedade, começando a armar-se. A isso, os missourianos interpretaram como uma violação à promessa mórmon de retirada. Em 31 de outubro, perpetraram-se as primeiras de várias ações de retaliação contra os santos. Cerca de cinqüenta homens atacaram um vilarejo junto ao Rio Big Blue, 13 quilômetros a oeste de Independence reagiram às ameaças contra tearam vários homens. No espaço de uma semana, os mórmons que residiam em Independence, reagiram às ameaças contra eles, fugindo de seus lares. Durante uma escaramuça no Rio Big Blue, no dia 4 de novembro, foram mortos homens de ambos os lados em um tiroteio.

Lilburn W. Boggs, lugar-tenente governador de Missouri e residente em Independence, serviu como intermediário entre os grupos opositores. Ele persuadiu os santos a se renderem, entregarem suas armas e deixarem o condado pacificamente dentro de dez dias. Os líderes locais da Igreja concordaram com este plano, mas continuaram a ser molestados. Os homens, mulheres e crianças enfardaram rapidamente seus pertences e se espalharam em muitas direções, procurando refúgio. O maior número dirigiu-se diretamente para o norte, cruzando o Rio Missouri para o Condado de Clay, no mesmo estado, onde os moradores de Liberty, a principal cidade, ofereceram trabalho, abrigo e provisões. Os refugiados mudaram-se para cabanas abandonadas de escravos, construíram choupanas rústicas e armaram tendas. Com a chegada da primavera, alugaram terras e encontraram trabalho.

A inoportuna mudança do Condado de Jackson preocupava o Profeta profundamente. Não apenas trouxera sofrimento aos santos, mas tinha interrompido planos de estabelecer um lugar central de coligação. Ele aconselhou os exilados a continuarem sua batalha legal, a fim de reaver suas propriedades e ressarcir-se de seus prejuízos. Os santos pediram ao governador do Missouri que providenciasse uma escolta militar para que reocupassem seus lares, e ele concordou, mas disse que esta seria a milícia hostil do Condado de

Jackson. Os ataques às testemunhas nos tribunais fizeram com que os líderes da Igreja abandonassem esse esforço. Eles enviaram uma petição a Andrew Jackson, presidente dos Estados Unidos, mas o governo em Wasnington estava fortemente comprometido com uma política de direitos estaduais. Os oficiais do governo federal não desejavam interferir em assuntos locais. Em vez disso, eles devolveram a questão ao estado de Missouri.

Enquanto estas apelações prosseguiam, Joseph Smith organizou um exército voluntário de santos dos últimos dias para ajudar na redenção da terra de Sião. Em fevereiro de 1834, ele havia alistado uma guarda avançada da área de Kirtland e do leste dos Estados Unidos. Outras unidades a eles se juntaram na jornada de 1 600 quilômetros até o Missouri. Os 205 voluntários, conhecidos como o Acampamento de Sião, pretendiam cooperar com os milicianos locais no Missouri para cumprir a promessa do Governador Dunklin de uma escolta pacífica para os exilados mórmons. Mas o governador retirou sua oferta. Temia que, se cooperasse com os santos dos últimos dias, os missourianos decontentes iniciariam uma guerra civil. Em vez disso, incitou os santos a que vendessem suas terras em disputa e se mudassem para outro lugar.

Representantes de ambos os lados reuniram-se em 16 de junho de 1834, no edifício do tribunal em Liberty. Os porta-vozes da Igreja ofereceram-se para adquirir os direitos dos antigos moradores, mas eles se recusaram a vender. Os santos não concordavam em vender suas terras, e assim, as negociações terminaram em um impasse. Alguns dias depois, no estabelecimento final do Acampamento de Sião, junto ao Rio Fishing, logo para fora do Condado de Jackson, Missouri, Joseph Smith recebeu uma revelação, orientando os santos a que adiassem temporariamente a decisão de reclamar suas terras. Uma semana mais tarde, ele liberou os voluntários. Muitos deles dirigiram-se de volta a Kirtland, Ohio, em pequenos grupos, enquanto outros permaneceram em Missouri.

Os santos missourianos permaneceram durante dois anos no Condado de Clay, Missouri. Então, quando os colonizadores originais começaram a objetar ao seu estabelecimento permanente, os oficiais do governo ajudaram em outra mudança.. Desta vez, os santos ocuparam uma área pouco habitada mais para o norte. Com a ajuda de políticos locais, os funcionários do governo criaram dois novos condados no Missouri. Junto ao Riacho Shoal, no novo Condado de Caldwell, os santos estabeleceram a cidade de Far West. Ela tornou-se o novo local de coligação para os santos e, nos dois anos seguintes, aproximadamente 5 000 membros da Igreja estavam morando ali. Far West tinha suas próprias lojas, oficinas de ferreiros, hotéis, impressora e escolas. Em outros locais, no Condado de Caldwell e no segundo novo condado, cujo nome era Daviess, os santos estabeleceram várias comunidades pequenas. Uma delas foi a de Adam-Ondi?Ahman, estabelecida na primavera de 1838. Foram escolhidos terrenos para templos, tanto em Far West como em Adam-Ondi-Ahman, mas nenhum chegou a ser construído, por causa do populacho e da expulsão final dos santos do estado de Missouri.

Os esforços para um novo estabelecimento em Missouri e a conseqüente incerteza dos planos mórmons ali tornaram duplamente importante que os santos em Ohio mantivessem um centro santo dos últimos dias estável em Kirtland e completassem um templo. Mas as dificuldades devido à apostasia e às questões econômicas em Kirtland preocupavam os santos em meados da década de 1830. Com o tempo, Kirtland seria abandonada, juntamente com os vilarejos do norte do Missouri, em outra busca de refúgio em Nauvoo, Illinois.

(Continua.)

O ACAMPAMENTO DE SIÃO

Ronald W. Walker

A marcha do Acampamento de Sião não foi fácil para os duzentos homens que caminharam penosamente 1 600 quilômetros de ida e 1 600 quilômetros de volta, através dos Estados Unidos, em 1834. Brigham Young relembrou a labuta de andar partindo de Ohio e Missouri, e então voltar — cinqüenta a sessenta e cinco quilômetros por dia, durante três meses. Os carroções da bagagem tinham que ser empurrados pelos atoleiros. Com freqüência, vinte ou trinta homens se uniam para empurrar um carroção monte acima. Os fortes tinham que ajudar aos fracos e coxos. "Era raro que me deitasse para descansar antes das onze horas ou meia-noite," recorda o Élder Young, "e sempre nos levantávamos bem cedo pela manhã." O clarim do acampamento era tocado entre 3h00 e 4n00 da manhã. Journal of Discurses 4:101-102.)

Foi uma época de se conhecer e testar o brio das pessoas. Certa vez, Joseph Smith aconselhou os homens a que não matassem qualquer animal, a não ser que fosse para alimentação. "Quando os homens perderem sua disposição viciosa e deixarem de destruir a raça animal, o leão e o cordeiro poderão habitar juntos." (Documentary History of the Church 2: 71-72.)

Brighan Young ouvia o Profeta Joseph e aprendia. Certa vez, quando o Élder Young estendia seu cobertor para dormir sobre o capim alto e espesso da campina, uma cascavel ameaçadoramente apontou o bote. Brigham Young chamou um amigo que se encontrava perto e lhe disse: "Pegue esta cobra e leve a para longe, dizendo-lhe que não volte e que diga às suas vizinhas que não entrem em nosso acampamento esta noite, a fim de que não sejam mortas por alguém." Seu companheiro obedientemente pegou a cobra e a levou sem machucá-la até uma boa distância do acampamento. (*Journal of Discourses* 17:40.)

A capacidade natural de Brigham Young o impelia para a vanguarda. Ele foi escolnido como um dos capitães do Acampamento. Freqüentemente pregava. Às vezes, era designado para obter provisões. Observava sempre de perto a liderança de Joseph Smith e adquiria experiência. Entretanto, nem todos os homens se submetiam à liderança de Joseph sem murmurar. A dificuldade da marcha fez com que homens de espírito fraco se queixassem. "Tínhamos que ser afligidos por espíritos desassossegados, indóceis e descontentes," recordou Brigham Young. "Esta foi a primeira vez em que viajamos como uma grande companhia... O Irmão Joseph dirigia, aconselhava e orientava a companhia, contendendo com aquelas pessoas desobedientes e mal dispostas:" (*Journal of Discourses* 10:20.)

A dissensão aumentou, quando o Acampamento de Sião não pôde ajudar os santos de Missouri. O plano original requeria que a milícia do estado reintegrasse os mórmons em suas terras do Condado de Jackson e que o Acampamento de Sião viajasse de Kirtland para defender os santos, depois que houvessem voltado para sua propriedade. Mas, no último momento, o governador de Missouri deixou de convocar a milícia. Em vez de atacar os habitantes do Missouri, Joseph Smith foi orientado pelo Senhor para que dispersasse o Acampamento e voltasse para Ohio.

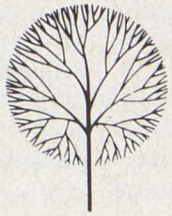
Ao chegar a Kirtland, muitos importunaram Brigham Young por ter ido para o oeste com o acampamento. "Quem se beneficiou?" lembra-se ele de que perguntaram. "Se o Senhor ordenou que fosse feito, que objetivo tinna em vista ao fazê-lo?" Mas Brigham sabia das experiências valiosas que havia recebido. "Eu disse àqueles irmãos que havia sido bem pago — pago com juros altos — sim, que minha taça estava cheia, mesmo transbordando com o conhecimento que havia recebido por ter viajado com o Profeta." (*Journal of Discourses* 10:20.)

Vários meses depois, Joseph Smith recebeu uma revelação orientando-o a que organizasse o Quorum dos Doze Apóstolos. No dia 14 de fevereiro de 1835, Brigham Young foi um dos escolhidos. Sua diligência durante a marcha do Acampamento de Sião havia-se provado a Joseph e ao Senhor.

NOVA ORIENTAÇÃO NA OBRA VICÁRIA

Uma conversa com o Irmão George H. Fudge,
diretor administrativo do
Departamento Genealógico e a revista Ensign.





Em agosto de 1977, o Presidente Spencer W. Kimball declarou: "Sinto também o mesmo senso de urgência quanto à obra nos templos, em favor dos mortos, assim como pela obra missionária pelos vivos, já que ambas são, basicamente, o mesmo. Tenho dito aos meus irmãos das Autoridades Gerais, que as ordenanças pelos mortos têm sido minha constante preocupação... Instamos, incondicionalmente, com vocês como indivíduos, famílias, grandes e pequenos, que prossigam com esta obra". (*A Liahona,* outubro de 1978, p. 4; *Ensign,* outubro de 1977, p. 82.)

ENSIGN: Nas reuniões regionais de junho foi anunciado que se iniciará no próximo ano um programa ampliado de genealogia. O senhor poderia debater essa mudança?

IRMÃO FUDGE: O atual programa de quatro gerações deu aos santos uma oportunidade de se tornarem familiarizados com os formulários de registro de grupo familiar e com o registro de dados genealógicos. Este programa trouxe tais registros para os arquivos da Igreja, de modo que se pudesse realizar muita obra genealógica e do templo.

Existe atualmente uma tecnologia que nos ajuda a realizar os propósitos do Senhor mais rapidamente e com mais exatidão. Se não empregássemos essa tecnologia para realizar a obra do Senhor, estaríamos em falta.

No passado, cada pessoa tinha a responsabilidade de completar pelo menos quatro gerações de folhas de grupos familiares, e além disso, tantas quanto possível. Esse tipo de pesquisa exigia que se escrevessem cartas e se viajasse pelo mundo todo, com um dispêndio de muito tempo e dinheiro — muitos dos quais foram improdutivos. Ao mesmo tempo, um outro parente poderia estar gastando tempo e dinheiro para obter as mesmas informações. Então, quando cada um deles tivesse completado sua pesquisa e enviado suas folhas ao Departamento Genealógico, os registros com freqüência se contradiziam, e esta inexatidão não é aceitável. Com a quantidade tremenda de preparação e pesquisa a ser feita, não podemos despender tempo duplicando os esforços.

ENSIGN: Quais são as mudanças no programa?

IRMÃO FUDGE: Solicita-se a cada pessoa que se reúna com seus irmãos, ir-

mãs e pais e compare as informações das folhas de grupo familiar, verifiquem a exatidão das informações, e um dos membros da família deve enviar uma cópia final e correta do gráfico genealógico de quatro gerações com as folhas de grupo familiar que o acompanham, para o Departamento Genealógico da Igreja. Neste processo, a família se reuniria com os parentes das linhas do pai e da mãe (tios, tias e avós), a fim de verificar a exatidão dos registros daquela e de gerações anteriores.

Se, numa pesquisa posterior, for encontrada nova evidência que exija mudança no material apresentado, cada família é responsável por avisar a sede genealógica da Igreja quanto a quaisquer adições ou correções naquelas folnas.

O mês de dezembro de 1978 marca o término do programa individual de quatro gerações e o início do programa de quatro gerações para famílias. Começamos a aceitar as folhas de grupo familiar e os gráficos de linhagem recém preparados em julho de 1979.

As pesquisas originais além do âmbito de quatro gerações, serão aceitas, mas não mais serão exigidas das pessoas. Em vez disso, a Igreja sente a responsabilidade de iniciar um programa maciço de reunião e extração de registros, a fim de preparar nomes para o trabalho do templo.

ENSIGN: O que é um programa de reunião e extração?

IRMÃO FUDGE: Temos noventa e cinco câmeras filmando registros em trinta e cinco países e reunindo entre quarenta e cinqüenta milhões de páginas por ano. Então nós classificamos e catalogamos os registros.

Essas informações devem ser "extraídas" dos registros, processadas e enviadas para os templos, a fim de que as ordenanças possam ser realizadas. Para fazer isso, já iniciamos agora programas de extração de registros nas estacas da Igreja.

Calculamos que atualmente são necessários 900 extratores para se acompanhar o trabalho de um operador da câmera. Se temos noventa e cinco câmeras em funcionamento — e haverá muitas mais nos anos vindouros — precisaremos de muitos extratores para acompanharem o ritmo de produção atual mais o que já foi filmado anteriormente.

ENSIGN: Para alguns, pode parecer que a pesquisa genealógica se está tornando impessoal. Em certo sentido, não nos temos encorajado, no passado, a pensar que *minha* responsabilidade é encontrar *meus* antepassados?

IRMÃO FUDGE: Sim, mas à medida que a intensidade e o ritmo desta pesquisa aumenta, o Senhor mostrou às Autoridades Gerais uma grande verdade: todos partilhamos dos mesmos antepassados! Por exemplo: descendemos todos de um mesmo casal, Adão e Eva, mas nossas linhagens se entrelaçam antes de chegarmos a Adão. Você não vai mais do que poucas gerações antes que seus ancestrais sejam também a linha direta de muitas outras pessoas.

Quando os membros da Igreja compreenderem isto, todos quereremos envolver-nos em um programa de atividade mútua no qual você esteja encontrando nomes de alguns de meus parentes e eu esteja encontrando os nomes de alguns dos seus. Podemos estar separados por estacas, ou continentes. Mas o resultado comum será o de que ambos estaremos envolvidos em uma operação eficiente de salvar nossos parentes terrenos e espirituais.

O Senhor deseja que realizemos esta tarefa trabalhando de maneira coletiva "como igreja e povo," assim como indivíduos, "como santos dos últimos dias." (Vide D&C 128:24.)

De certo modo, estamos usando essas técnicas em nossa obra missionária entre os mortos, do mesmo modo como as usamos entre os vivos. Se eu fosse chamado como missionário para a Inglaterra, lá iria para ensinar a todos que

pudesse, não fazendo acepção de pessoas. Não iria lá para ensinar o evangelno apenas àqueles que tivessem o mesmo sobrenome que eu ou que fossem meus parentes próximos.

E não enviamos missionários às grandes cidades para procurar uma pessoa, ignorando, rua após rua, pessoas que aceitariam o evangelho. Mas, sem a tecnologia moderna, era assim que tínhamos que fazer a pesquisa genealógica no passado. Agora o Senhor nos forneceu novas ferramentas, e os Irmãos dizem que chegou a época de se dar grande ênfase a nossa obra missionária para os mortos. A genealogia e o trabalho missionário na realidade são a mesma obra; assim, por que não usar os mesmos princípios e procedimentos?

ENSIGN: Se algum de nós morasse em uma estaca que estivesse participando no programa de extração de registros, como poderíamos envolver-nos nele?

IRMÃO FUDGE: Visto que estamos coligindo registros em 35 países, a maioria deles são em línguas diferentes do inglês. Uma estaca em Hamburgo poderia extrair registros em alemão, enquanto uma estaca no México os extrairia em espanhol.

Depois de pessoas qualificadas terem sido identificadas, elas serão chamadas e designadas pelo presidente da estaca como missionários genealógicos da estaca. O presidente determina quantos missionários genealógicos sua estaca precisará e quantas horas por semana cada um dos missionários poderá dedicar ao trabalho. As pessoas que forem chamadas serão treinadas na leitura de grafia, para que possam extrair lançamentos — batismos, casamentos, mortes etc. — dos registros filmados.

Cada lançamento será extraído por duas pessoas. Quando os resultados forem fornecidos a um computador, este comparará as informações. Se surgirem discrepâncias, o teclado se travará e o segundo datilógrafo, o datilógrafo verificador, fará imediatamente a avaliação quanto a qual das extrações contém a informação incorreta. Isto garante registros mais exatos.

ENSIGN: Seria possível a qualquer membro voluntariar-se para extrair registros durante algumas horas por mês?

IRMÃO FUDGE: É uma questão de treinamento. Depois que treinarmos alguém, levará várias semanas antes que ele ou ela tenham prática suficiente para ler a grafia com exatidão.

ENSIGN: Mas, se uma pessoa não estiver servindo como extrator, será que tem quaisquer outras responsabilidades genealógicas depois de apresentar suas próprias folhas de quatro gerações?

IRMÃO FUDGE: Oh, sim! Há muitos projetos em que os membros da Igreja podem participar. Por exemplo:: um presidente de estaca poderia fazer com que seus membros copiassem dados de monumentos nos cemitérios e registrassem informações antigas colhidas em tribunais para que no final, todos os registros de importância genealógica possam ser reunidos e relacionados pelas pessoas daquela área. Isto precisaria ser coordenado. Então, qualquer pessoa que tenha ascendentes naquela área, poderia ter acesso imediato àqueles registros, ao procurar compilar ou conferir suas folhas de grupo de quatro gerações.

O relacionamento de registros é outro serviço importante que os membros poderiam fazer. Em vez de precisar percorrer rolos e rolos de filmes, a pessoa poderia simplesmente verificar o índice e ir diretamente ao filme específico necessitado. Uma importante atividade para os membros será a de ir ao templo para realizar as ordenanças para os nomes que estão sendo extraídos dos registros. Em junho de 1977, em cooperação com duas estacas em St. George, Utah, iniciamos um projeto piloto de extração. Com menos de quarenta pessoas chamadas como extratores, aquelas duas estacas estão agora capacitadas a fornecer todos os nomes necessitados pelo Templo

de St. George em seu ritmo atual de atividade!

O desejo profético do Presidente Kimball de que cada distrito de templo deve fornecer todos os nomes para seu próprio templo, logo será uma realidade! E é fácil ver como esta fase leva à próxima de aumento de atividade do templo, um número maior de templos e o aumento da obra missionária entre aqueles que estão na mortalidade e os que já faleceram. Como Igreja, estamos em meio ao cumprimento de profecias.

Vamos juntar uma grande quantidade de nomes para as ordenanças no templo. Já temos um grande número de microfilmes dos quais extrair registros, e mais filmes estão sendo feitos diariamente. Em média, uma pessoa pode extrair vinte nomes por hora. Conforme forem chamados mais missionários genealógicos, faremos uma grande relação de nomes prontos para as ordenanças vicárias. Então, cada distrito de templo sentirá a necessidade de fazer mais pesquisa em ritmo mais acelerado. Os líderes do sacerdócio verão a necessidade de incentivar seus membros a freqüentarem o templo mais assiduamente. Estou certo de que veremos mais sessões nos templos, templos abertos durante mais horas e muitas pessoas freqüentando-os mais vezes.

É fácil divisar o dia que o Presidente Kimball previu, quando nossos templos estarão abertos 24 horas por dia e se espalharão pela terra. A reunião e extração de registros proporcionará essa condição Será dada mais ênfase à construção de novos templos e ao comparecimento das pessoas. O único modo pelo qual isto será realizado é através da união da energia, inteligência e talentos dos membros em um esforço combinado, em vez de depender de esforços individuais.

ENSIGN: Alguma coisa está sendo feita para apressar o processamento de nomes para as ordenanças vicárias, uma vez que tenham sido extraídos?

"Sinto também o mesmo senso de urgência quanto às ordenanças nos templos, em favor dos mortos, assim como pela obra missionária pelos vivos, já que ambas são, basicamente, o mesmo." (Presidente Spencer W. Kimball.)

IRMÃO FUDGE: Centros de serviço do templo e distritos do templo no além-mar estão sendo estabelecidos para realizar muitas das funções que eram da alçada do Departamento Genealógico. Por exemplo: agora que um centro de serviços do templo est funcionando no Brasil, os santos brasileiros não mais têm de enviar suas folhas de grupo familiar para Salt Lake City para serem processadas, esperar por elas e então enviar as informações de volta a Salt Lake City após a realização das ordenanças vicárias. Agora podem processar seus registros no Brasil, realizar as ordenanças do templo lá e registrá lo no Brasil. O templo envia a Salt Lake City apenas uma cópia das ordenanças realizadas, a fim de que sejam colocadas em nossas caixas fortes para salvaguardá-la.

Isto também se dará com nosso esforço de microfilmagem. Logo filmaremos, processaremos, catalogaremos e extrairemos registros em várias partes do mundo. Depois que o distrito do templo tiver concluído a tarefa, somente os negativos dos filmes serão enviados para o Departamento Genealógico em Salt Lake City.

ENSIGN: Quando pretendem estabelecer estes centros de serviço do templo?

IRMÃO FUDGE: Logo que surgir a necessidade. Nós os temos atualmente na Cidade do México, em São Paulo, e em Tóquio. Isto tudo é parte do plano para colocar a responsabilidade desta tarefa sobre os santos da Igreja. Eles têm a autoridade, os registros, os instrumentos para extração e processamento, e os templos.

Registrar as ordenanças do templo logo será grandemente apressado, com o auxílio de pequenos computadores. Com um sistema de computador, pode-se emitir um nome, e um registro ser automaticamente atualizado. Sua recomendação para o templo terá uma tira magnética contendo seu nome e o número da unidade (ala e estaca). Quando você inserir a recomendação no computador, ele lhe dará imediatamente o nome da pessoa por quem você fará a ordenança, impresso; colocará seu nome, número da unidade e data nos registros do templo e fornecerá registros estatísticos atualizados para os líderes do sacerdócio da ala.

ENSIGN: Existem novos recursos à disposição, para ajudar as pessoas que ainda estão completando suas folhas de grupo familiar de quatro gerações?

IRMÃO FUDGE: Sim. Introduzimos um novo curso de genealogia de doze semanas na Escola Dominical (De Você para Seus Ancestrais (PBGS0683PO) em março, com um manual dirigido à pesquisa de quatro gerações. Outra nova ajuda é o arquivo de linhagem feito por computador. Quando os membros começarem, em julho de 1979, a apresentar cópias exatas de seus gráficos de linhagem, nós compilaremos um grande arquivo de todas as informações de linhagem que recebermos.

"Existe atualmente uma tecnologia que nos ajuda a realizar os propósitos do Senhor mais rapidamente e com mais exatidão."

Por exemplo, suponha que uma pessoa faça o curso de genealogia da Escola Dominical e aprenda como apresentar folhas de grupo familiar de quatro gerações. A primeira coisa a fazer, seria pesquisar no arquivo de linhagem feito pelo computador. Apresentando uma cópia de sua linhagem até onde a tenha, o computador ir verificá-las para ver se já está em nossos arquivos. Nós lhe daríamos as informações que já tivéssemos e lhe enviaríamos os nomes e endereços das pessoas que apresentaram as informações.

Estamos também desenvolvendo um catálogo por computador. Esse catálogo alistará todos os nossos registros de bibliotecas, assim como registros genealógicos em todo o mundo que não temos em nossa biblioteca e não pretendemos filmar. Se tivermos o registro de que a pessoa precisa, o catálogo a dirigirá diretamente a ele. Se não tivermos, o catálogo o dirigirá para a fonte original do registro. Espera-se que, reproduzindo o catálogo em microficha, ou algum outro meio, possamos distribuí-lo para as bibliotecas de capela de estaca com freqüência e sem que seja dispendioso.

ENSIGN: Este trabalho parece muito interessante — tanto para o momento como para o futuro. O que você faria em sua própria casa, com seus filhos, para levá-lo avante?

IRMÃO FUDGE: Providenciaria que meus filhos, minha irmã e seus filhos, e

meu pai se reunissem para nos certificarmos de que as informações de nosso gráfico de linhagem e nossas folhas de grupo familiar estão corretas. Então, quando chegar julho de 1979, estaremos prontos para apresentá-los. Apresentarei também todas as informações de linhagem que possuo, que vão além das quatro gerações.

Em seguida, encorajaria meus filhos casados a que continuassem escrevendo uma história de suas famílias e suas próprias histórias pessoais. Já comecei a gravar em fitas minha própria história pessoal. Acho que a fita gravada tem um mérito especial, porque meus netos e bisnetos poderão ouvir minha própria voz.

ENSIGN: Você poderia explicar por que a Igreja tem dado tanta ênfase à manutenção de diários e de histórias pessoais e familiares? Como isto se relaciona com este trabalho?

IRMÃO FUDGE: Além do fato de que o Sennor nos ordenou que mantivéssemos registros, os filhos e netos são grandemente beneficiados, cientificando-se de sua herança. Os registros pessoais nos aproximam mais de nossos antepassados e fazem voltar os nossos corações a eles com mais presteza, por sabermos mais a seu respeito. O que parecem ter sido atividades comuns e cotidianas de nossos avós, freqüentemente nos têm inspirado a ser mais cuidadosos em guardar os mandamentos. Conseqüentemente, nossos laços familiares são mais estreitos e aumentam nosso desejo de fazer por eles as ordenanças salvadoras do evangelho.

ENSIGN: É este o propósito principal da Conferência Mundial Sobre Registros, de 1980, que foi recentemente anunciada e que se realizará em Salt Lake City sob o tema "Preservar nossa Herança"?

IRMÃO FUDGE. Sim. Desejamos encorajar as pessoas a manterem histórias pessoais e familiares. Esperamos que a conferência ajude nosso esforço missionário, fazendo com que saibam que a Igreja está interessada na família e na herança pessoal e comum.

Outro dos principais propósitos da conferência é abrir para o mundo o arquivo de linhagens feito pelo computador. Encorajamos os não membros e os membros a apresentarem suas linhagens para compor um arquivo-padrão. Estamos animados com a conferência e esperamos que muita boa vontade advenha dela.

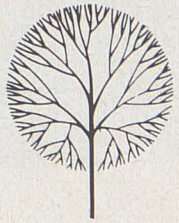
ENSIGN: Quais os seus sentimentos com relação a estes novos programas?

IRMÃO FUDGE: Acho que somos realmente uma geração privilegiada. Muitos dos antigos profetas teriam gostado de viver em nossa época. É uma ocasião de esforço intenso — um esforço que tem que ser partilhado. Ninguém pode fazê-lo sozinho.

Isto me faz lembrar da oração que o Salvador ofereceu antes de entrar no Jardim do Getsêmani. Orou para que os discípulos pudessem ser unidos, assim como ele e o Pai o eram. (Vide João 17:22.) Estamos tentando fazer com que a família de Adão seja unida. E se pretendemos fazer isso, devemos unificar nossos esforços. O resultado, é claro, será a realização da obra como o Pai Celestial deseja, e de acordo com seu plano quanto ao tempo.
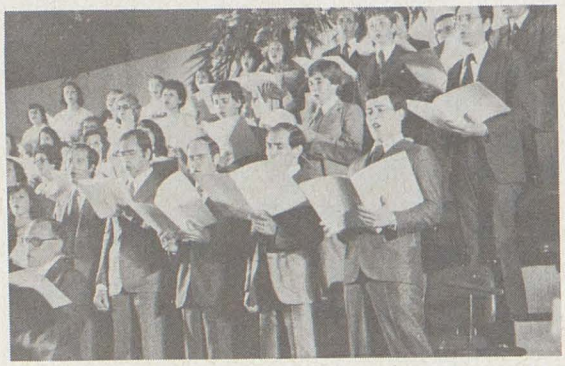






"Os Maiores Eventos da da Igreja

O encontro do profeta do Senhor, SPENCER W. KIMBALL, seu conselheiro N. Eldon Tanner, e os apóstolos: James E. Faust, Boyd K. Packer e Gordon B. Hinckley e de outras AUTORIDADES GERAIS: W. Grant Bangerter, Gene R. Cook, Leslie O. Stone, James A. Cullimore e Robert E. Wells com alguns de nossos líderes locais, resultou no maior **BANQUETE ESPIRITUAL** realizado neste país. Estas fotos nos dão uma idéia daqueles dias memoráveis de outubro e novembro passados:



Nosso presidente retira-se para pequeno descanso no intervalo entre as sessões de dedicação.



O templo é para todos os membros da América do Sul (exceto os da Venezuela). O Élder Faust alegra seu coração, ao lado da família Tobamgo, que veio do Equador para assistir à dedicação e fazer suas ordenanças.

Irmãos aguardando sua vez de assistir à sessão dedicatória.



Adoramos ao Senhor através do canto. Em cada reunião, em cada sessão lá estava um dos coros emocionando a todos com sua técnica, seu empenho e seu espírito.



História no Brasil"

A Liahona fará um número especial contendo as mensagens e muitas fotografias dos eventos. AGUARDE!

"Deveis pois, prosseguir para frente com firmeza em Cristo, tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens. Portanto, se assim prosseguirdes, banqueteando-vos com a palavra de Cristo e perseverando até o fim, eis que diz o Pai: Tereis a vida eterna." 2 Néfi 31:20.



Programa cultural — meses de trabalho de um grupo, que agradou a todos e certamente ao Senhor, por sua mensagem: "A Porta".

Em entrevista coletiva à imprensa, nosso presidente mundial: Spencer W. Kimball, acompanhado de seu 1.° Conselheiro Élder Tanner, do Élder Hinckley, do Élder Bangerter e do Irmão David Kennedy, representante especial da Igreja, tendo o representante regional Hélio R. Camargo como intérprete, falou a todos os jornais, Tvs, Revistas e Rádios de São Paulo.

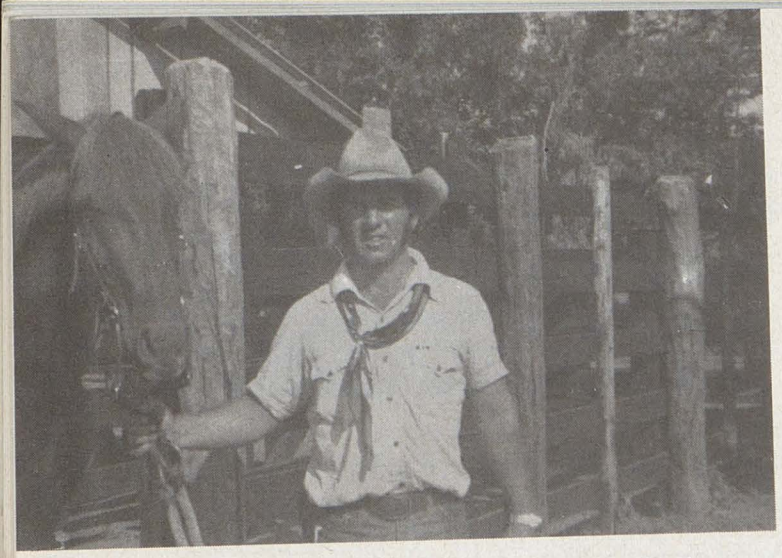




Presidente Kimball e o Élder Bangerter cumprimentam o mais jovem Pres. de Estaca do Brasil: Márcio Galhardo, da Estaca de Araraquara



Parte do público presente ao Ibirapuera numa das sessões da Conferência de Área.



«Peão boiadeiro a serviço de Cristo»

A história do homem e do cavalo é o relato de uma longa e bem sucedida parceria, baseada em confiança mútua e em uma grande dose de compreensão. Desde sua domesticação há mais de 2.000 anos até o momento presente, o cavalo tem sido tanto companheiro como servo fiel do homem.

Esta reportagem relata um exemplo magnífico dessa convivência, focalizando a especialização de um nosso irmão fiel, cujo habitat e profissão gira em torno de várias raças de cavalos de serviço e mesmo de puros-sangues treinados para competições.

Ainda hoje é muito comum, principalmente em nosso interior, o uso de animais como parte fundamental das comunidades rurais.

Em entrevista com o irmão Antonio Cesar Landi, Presidente do Ramo de Marília, no interior do Estado de São Paulo, anotamos algumas coisas bem interessantes que a maioria das pessoas criadas em grandes centros urbanos desconhece. Batizado há 21 anos na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, esse irmão é um exemplo no meio rude em que exerce sua profissão.

Nascido em Avaí — SP, conhece tudo sobre os animais do campo e muito especificamente sobre CAVALOS.

Em sua casa chegam Peões e Boiadeiros de todo o Estado e de Estados vizinhos, não só para comerciar animais, como para adquirir todo e qualquer equipamento usado nestas lides profissionais, do tão vasto campo rural deste imenso país (verdadeiro continente).

Muito nos contou o irmão Landi com o entusiasmo que lhe é peculiar, sobre seu trabalho.

Conta-nos, por exemplo, que existe hoje uma variedade enorme de raças de cavalos, com características e pelagens diferentes.

De descendência do Andaluz português surgiu no Brasil, mais precisamente em Minas Gerais, o nosso MANGA LARGA (desenvolvido pela família Junqueira de Andrade), que é hoje o cavalo brasileiro mais requisitado.

Estes são os equipamentos usados pelos Peões Brasileiros e seus cavalos de tropear boiadas:

Arreios — loros, cincha, sobrecinha, estribos.

Pelêgo, selas, laços, manta de lã, rédeas, cabeçada, freio, bridão, e peiteiras. Além das características botas, capas, porta-capas, esporas, chapéus, lenços, rebenques, guaiaca (típica de São Paulo), bombachas, palas, boleaderas (dos gaúchos), gibão de couro (no nordeste(e as faixas em Mato Grosso).

Ainda algumas curiosidades que pudemos observar: o Presidente Landi jamais dirigiu um automóvel, não sabe e não consegue. A máquina o bloqueia e ele apenas diz: "se fosse um Cavalo, ou mesmo outro animal com uma sela e um freio ou bridão, mesmo o mais selvagem ou bravo, eu saberia como amansá?lo e dominá-lo, mas a máquina não é comigo. Minha esposa, Ivone, dirige muito bem e me ajuda muito".

Ele alegra-se realmente em poder usar lindas camisas esportes com seus lenços

coloridos amarrados em volta do pescoço e seus chapéus característicos (como se vê na foto).

Quase não o reconhecía mos no domingo, quando, por força dos seus deveres no sacerdócio ele coloca a gravata e o paletó que são realmente estranhos para sua criação e costumes.

Não conhece nem gosta de jogo de espécie alguma, nunca jogou nem futebol, mas para falar sobre gado, cavalos e histórias de outros peões é capaz de varar uma noite, até amanhecer o dia.

Muitos missionários que trabalharam na cidade de Marília especialmente aqueles que vivem em regiões rurais nos Estados Unidos, continuam até hoje a enviar-lhe cartões e correspondências, pois jamais se esquecerão deste verdadeiro PEÃO BOIADEIRO, seguidor do Evangelho do Senhor Jesus Cristo.

Chamados Missionários: «Nova e Admirável Era do Crescimento da Igreja no Brasil»

Com estas palavras Élder William Grant Bangerter encerrou uma entrevista publicada no Church News do dia 4 de novembro último.

Seu entrevistador foi Jerry Cahill, Diretor de Relações de Imprensa do Departamento de Comunicações Públicas da Igreja, que aqui esteve integrando a comitiva do Profeta Spencer W. Kimball, durante a dedicação do nosso templo e a Conferência de Área realizada em S. Paulo.

"Tudo começou há uns oito meses atrás, relata Élder Bangerter, numa reunião que tivemos com quatro representantes regionais, doze presidentes de estacas, bispos e presidentes de ramo do Brasil, em que, na qualidade de Supervisor de Área — Autoridade Geral, lançamos o seguinte desafio:

HOJE VAMOS SAIR E CONSEGUIR MAIS MISSIONÁRIOS...

OREM EM SILÊNCIO. QUANDO VOCÊS OBTIVEREM O ESPÍRITO DESTA DESIGNAÇÃO, LEVANTEM-SE E VÃO...

NÃO QUEREMOS LISTAS, QUEREMOS MISSIONÁRIOS.

Lembrei-lhes que este era um desafio, não meu, mas feito já em 1974, pelo Presidente Kimball: QUE CADA NAÇÃO DEVERIA PROVER SEUS PRÓPRIOS MISSIONÁRIOS E MAIS ALGUNS PARA OUTROS LUGARES.

Recorda ainda o Élder Bangerter que, com as dificuldades de obtenção de vistos de entrada para missionários americanos, as quatro missões não tinham missionários suficientes para o trabalho.

Além disso, não havia um esforço especial e uma conscientização de nossos jovens, as coisas não estavam nos devidos lugares, e logicamente, o trabalho missionário no Brasil estava começando a definhar.

"Sabia, também, continuou a Autoridade Geral, que havia mais de 2000 rapazes em idade de fazer missão e que pelo menos 350 deles poderiam aceitar o chamado.

Foram muitas as experiências obtidas, pois no mesmo dia do desafio — a reunião foi realizada num domingo às 7,30 da manhã — muitos de nossos líderes, após orarem fervorosamente em silêncio, saíram em busca dos jovens, ativos ou não, e os trouxeram para as entrevistas. Ainda no mesmo dia alguns papéis foram preenchidos já com aceitação.

Esses programas de entrevistas, foram difundidos e em algumas estacas conseguimos até 30 missionários em um só dia.

Hoje são quase 500 brasileiros, incluindo 115 moças no campo missionário, constituindo 70% dos missionários no Brasil e metade dos missionários em Portugal."

Ao encerrar a entrevista, após citar muitos outros aspectos, Élder Bangerter declarou: "Vimos uma janela se abrindo num horizonte sem limites de crescimento. Esses missionários, tanto os que já estão retornando, como os 500 que agora estão na missão, são os líderes de uma nova e admirável era do crescimento da Igreja no Brasil."

CEM ANOS DE AMOR





VERMELHO, AMARELO e AZUL — Estas são as cores que formam todas as demais. Semelhantemente, a **PRIMÁRIA** de nossa Igreja ajuda a formar um alicerce para o testemunho do Evangelho Restaurado de Jesus Cristo, por isso usa exatamente as cores primárias: VERMELHO, como símbolo da coragem, AMARELO, como símbolo do serviço; e AZUL, como símbolo da verdade.

Há 100 anos, foi fundada a Primária, com propósito de auxiliar os pais e as autoridades do Sacerdócio no trabalho de Salvação das Crianças.

Quantos dos nossos líderes atuais, de nossos Profetas, Apóstolos, Setentas, Presidentes, Bispos etc., formaram a base, de seu conhecimento e testemunho, aprendendo atentamente das abnegadas líderes e professoras da Primária, durante esses 100 anos de trabalho constante.

Durante este ano de 1978, em todas as partes do mundo em que a igreja tem uma unidade, esta data foi lembrada, e suas líderes agradecem ao Senhor por estarem engajadas nessa sagrada mordomia.

Muitas atividades foram programadas e seria impossível registrar todas. Por esse motivo, nossa reportagem focaliza apenas uma de nossas Estacas em São Paulo, sem desmerecer tantas outras que muito se esmeraram em comemorar evento tão importante.

ESTACA SÃO PAULO-LESTE — BRASIL — Com o entusiasmo contagiante, próprio das nossas saudáveis crianças, e o amor e paciência de suas líderes, foram apresentadas no dia várias atividades como:

A encenação teatralizada pela Ala S.P. X, da primeira Primária realizada em 1878.

Apresentação de filmes educativos e uma peça teatral, pela Ala S.P. XVI, intitulada "A sapateirinha".

Hasteamento da Bandeira Nacional, com todo o respeito, carinho e trato escoteiro pelos Lobinhos da Ala S.P. I, que também ficaram incumbidos de cuidar da árvore ali plantada a seguir, um "IPÊ AMARELO".

À frente desse IPÊ foi afixada uma placa com os dizeres:

"CENTENÁRIO DA PRIMÁRIA — 1878-1978" — Uma parte dos festejos que foi muito comentada, foi a exposição de todos os trabalhos realizados pelas crianças da Estaca. Seus pais, amigos e convidados, não se cansaram de admirá-los e elogiá-los. Para encerrar foi servido um lindo e saboroso bolo de aniversário ao som do "Hino do Centenário" e do "Parabéns a Você" Primária querida.

Sociedade de Socorro Atende Chamado

Testemunho especial da irmã Boyer que veio especialmente de Lago Salgado visitar o Brasil



Sister Marian R. Boyer e
Sister Reeba Aldous

Outubro de 1978, uma época que jamais será esquecida pelos membros da Igreja no Brasil. Todos os preparativos para a dedicação do Templo tiveram o seu ponto culminante nesse mês.

As mulheres SUD, tanto do passado como as de hoje, foram e serão mulheres especiais, inteligentes e laboriosas, e foram colocadas aqui na terra, nesta época, para ajudarem a favorecer o trabalho do Senhor.

Superando até as mais otimistas das expectativas, tiveram um marcante trabalho para possibilitar o funcionamento do Templo na ocasião prevista.

Muito se poderia escrever sobre as experiências e testemunhos fortalecidos nos diversos trabalhos a elas designados, mas esta Revista quer destacar em todos aqueles eventos de outubro, a presença junto a nós da segunda conselheira da Presidência Geral da Sociedade de Socorro, a irmã Marian R. Boyer, que, juntamente com a irmã Reeba Aldous, aqui esteve para, além de instruir, formar o Comitê Executivo da Distribuição de Roupas do Templo.

Ficou assim organizado o comitê: como líder a irmã Flávia Garcia Erbolato, tendo as irmãs Wanderley Baroni e Rute Buffa como suas conselheiras.

Na ocasião, foi instalada também a loja de vendas de roupas do Templo, que funciona no sub-solo do templo e tem como gerente a irmã Julieta Ardito, e como assistente a irmã Sonia

A Liahona aproveitou para entrevistar a irmã Boyer, que é filha de um líder tão nosso conhecido e estimado, o Élder Le Grand Richards.

A LIAHONA: Irmã Boyer, como a Sra. vê nosso país?

IRMÃ BOYER: Estou encantada com este país que é maravilhoso e estou surpresa também com o progresso, a beleza das árvores e das flores, os edifícios, as lojas, a alegria do povo e principalmente com o espírito de dedicação dos membros com relação à Igreja.

A LIAHONA: E quanto às Sociedades de Socorro?

IRMÃ BOYER: Notei que a liderança é notável e além de dedicada tem o desejo de aprender. As irmãs brasileiras são muito capazes e dedicadas e estou entusiasmada com os trabalhos manuais feitos pelas irmãs da Sociedade de Socorro.

Atualmente nos Estados Unidos, a moda é o bordado feito com linhas Varicor, importadas do Brasil. E este bordado é chamado de bordado brasileiro.

A LIAHONA: Nesta sua visita, além de formar o Comitê de Distribuição das Roupas do Templo, e inaugurar a loja, que outras experiências nos poderia contar?

IRMÃ BOYER: Visitamos também a fábrica de Roupas do Templo, pudemos apreciar e notar que a confecção das mesmas é feita com amor, e os modelos brasileiros são tão bonitos como os que temos nos Estados Unidos.

A LIAHONA: Gostaria a irmã de deixar, através de nossa Revista, uma mensagem para as mulheres brasileiras?

IRMÃ BOYER: Com todo o meu amor aproveito esta oportunidade de deixar esta mensagem a toda mulher SUD deste imenso país:

A Sociedade de Socorro, que foi organizada para o serviço de solidariedade, terá como lema para o próximo ano de 1979 — Dedicação, servir o próximo e amar nosso semelhante.

Para atingir este objetivo o segredo é o trabalho importante das professoras visitantes. Muitas mulheres têm sido reativadas através das suas visitas. As mulheres devem fazer todo o possível para ajudar e apoiar o Sacerdócio.

Sinto-me feliz em ver que aqui em São Paulo e em todo o Brasil as mulheres estão-se preparando para viver melhor e poder entrar no templo. Em todos os lugares que visitei senti esse espírito.

O Presidente Kimball disse-nos que devemos estar preparadas para o templo e para as coisas espirituais. Agora mais do que nunca devemos pensar nos valores eternos, e com esse belo templo aqui em São Paulo, acredito que teremos a oportunidade de nos fortalecer, ajudando o nosso próximo. Há tantas pessoas hoje em dia que se preocupam em receber recompensa pelo que fazem aos outros. Há uma tendência de abandonarmos a antiga admoestação de esquecermos de nós mesmos ao ajudar o próximo.

Lembremo-nos do que o Salvador disse: "Todo aquele entre vós que quiser fazer-se grande seja vosso serviçal". Gostaríamos que esse espírito reinasse sempre na Sociedade de Socorro, pois para isso ela foi organizada.

O segundo mandamento é mais difícil de ser cumprido. Devemos amar nosso próximo como a nós mesmos. É isso que estamos tentando fazer com o ensino das professoras visitantes e o serviço de solidariedade. Ensinar umas às outras e aprendermos juntas, para que em cada lar possa haver paz e amor.

Irmãs queridas do Brasil, creio que se tentarmos viver mais espiritualmente, se estudarmos mais, e se orarmos mais ao Pai Celestial, estaremos mais preparadas para receber as ordenanças do templo.

Peço também que vocês, da Revista, possam transmitir meu amor e agradecimento às irmãs do Brasil, pela contribuição que fizeram para ajudar a pagar o monumento de Nauvoo. Uma miniatura dessa estátua, da mulher orando, vai ficar na sala das noivas no templo de São Paulo, e será um símbolo para lembrar que devemos orar sempre em nossos lares.



CRISTO E O NATAL

Presidente David O. McKay

No natal, mais do que em qualquer outra ocasião, pensamos em nossos semelhantes e tentamos expressar, seja por palavra ou ato, nosso desejo de fazê-los felizes. Nisto reside o segredo da verdadeira felicidade. 'Qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará," é uma filosofia profunda, que o verdadeiro espírito do natal nos ajuda a compreender.

O amor a Deus e de uns para os outros deve ser o tema do natal. Esse foi o divino anúncio feito pelas hostes celestiais que anunciaram as "boas novas de grande alegria!"

"Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens!"

Como são simples as palavras! Quão profundo e compreensivo o seu significado! No natal, celebramos o nascimento daquele em cuja missão na terra (1) Deus é glorificado; (2) é prometida paz à terra; (3) todos os homens recebem a garantia da boa vontade de Deus para com eles!

Se todo homem que nascesse no mundo tivesse como o farol de sua existência estes três gloriosos ideais — como a vida seria mais doce e feliz! Com um objetivo assim, todos procurariam tudo o que é puro, justo, louvável, virtuoso e verdadeiro — tudo o que leva à perfeição; pois aquele que procura glorificar a Deus, glorificaria essas virtudes. Evitaria aquilo que é impuro, desonroso ou vil. Se todo homem desejasse demonstrar boa vontade para com seu próximo e se esforçasse para expressar esse desejo em um milhar de frases bondosas e pequenos atos que refletissem desprendimento e auto-sacrifício, que contribuição cada um faria para a paz mundial na terra e a felicidade do gênero humano!

O natal é uma época apropriada para renovarmos nossos desejos e fortalecermos nossa determinação de fazer tudo ao nosso alcance para tornar uma verdade entre os homens a mensagem anunciada pelos anjos, quando o Salvador nasceu. Glorifiquemos a Deus, procurando o que é bom, verdadeiro e belo! Esforcemo-nos por estabelecer a paz na terra, exercendo reciprocamente aquela mesma boa vontade que Deus tem demonstrado para conosco!

— *Millenial Star* 85:801-802 (1923).

